

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE AGRONOMIA**

JHULY CAROLINE BIAVA

**O PAPEL DA PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA
FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NUM CONDOMÍNIO DE GRÃOS
NO SUDOESTE DO PARANÁ**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2016

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE AGRONOMIA**

JHULY CAROLINE BIAVA

**O PAPEL DA PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA
FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NUM CONDOMÍNIO DE GRÃOS
NO SUDOESTE DO PARANÁ**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2016

JHULY CAROLINE BIAVA

**O PAPEL DA PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA
FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NUM CONDOMÍNIO DE GRÃOS
NO SUDOESTE DO PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial à obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angelo Perondi

Coorientador: Prof. Dr. Marcio Gazolla

PATO BRANCO

2016

Biava, Jhuly Caroline

O papel da produção de novidades na agricultura familiar: um estudo de caso num condomínio de grãos no Sudoeste do Paraná. / Jhuly Caroline Biava.

Pato Branco. UTFPR, 2016

72 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angelo Perondi

Coorientador: Prof. Dr. Marcio Gazolla

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curso de Agronomia. Pato Branco, 2016.

Bibliografia: f. 63 – 67

1. Agronomia. 2. Condomínio. 3. Novidade Organizacional. 4. Sucessão Geracional. 5. Meios de vida. I. Biava, Perondi, Gazolla. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curso de Agronomia. IV. O papel da produção de novidades na agricultura familiar: um estudo de caso num condomínio de grãos no Sudoeste do Paraná.

CDD: 630

Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Ciências Agrárias
Curso de Agronomia

TERMO DE APROVAÇÃO
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

**O PAPEL DA PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR: UM
ESTUDO DE CASO NUM CONDOMÍNIO DE GRÃOS NO SUDOESTE DO
PARANÁ**

Por

JHULY CAROLINE BIAVA

Monografia apresentada às 14 horas 00 min. do dia 02 de dezembro de 2016 como requisito parcial para obtenção do título de ENGENHEIRA AGRÔNOMA, Curso de Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcio Gazolla
UTFPR

Prof. Dr. Norma Kiyota
IAPAR

Prof. Dr. Miguel Angelo Perondi
UTFPR
Orientador

A "Ata de Defesa" e o decorrente "Termo de Aprovação" encontram-se assinados e devidamente depositados na Coordenação do Curso de Agronomia da UTFPR Campus Pato Branco-PR, conforme Norma aprovada pelo Colegiado de Curso.

Aos meus pais, Vilmar e Jaqueline, que são os grandes responsáveis por essa conquista, donos da minha felicidade e amor incondicional, dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda minha gratidão, por manter meus passos firmes na direção dos meus sonhos, me conduzindo ao longo dessa caminhada. Por me amparar nos momentos mais difíceis, e me dar forças para que eu pudesse superar minhas dificuldades, fazendo delas grandes ensinamentos para a vida.

Aos meus pais, Vilmar e Jaqueline, vocês são o meu alicerce. Obrigada pelo amor incondicional e por me proporcionarem a realização desse sonho e ainda por carregarem consigo também os meus sonhos e compartilharem as minhas alegrias. Sei que não medem esforços para concretizar a minha felicidade.

Às minhas gêmeas, manas Bruna e Bárbara, por todo apoio e incentivo. Ao meu namorado Matheus, por acreditar em mim e me fazer acreditar que eu sou capaz. A minha família, que muito me incentiva e me apoia nas minhas decisões, vocês fazem toda diferença!

Aos meus amigos, grandes companheiros de curso, por toda a amizade e por compartilharem comigo dos mesmos sentimentos ao longo desses cinco anos, para que juntos, fosse possível enfrentarmos os nossos desafios diários.

Agradeço a todos os Professores do curso de Agronomia, grandes mestres que me auxiliaram ao longo dessa caminhada, transmitindo todo o conhecimento para que fosse possível chegar até aqui.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR Campus Pato Branco, por me proporcionar toda a estrutura necessária para que o curso de Agronomia pudesse me moldar Engenheira Agrônoma, meu muito obrigada!

“Um universo rural num sentimento profundo,
que antes de sermos do mundo, temos que ser regional”.

César Oliveira & Rogério Melo

RESUMO

BIAVA, Jhuly Caroline. O papel da produção de novidades na agricultura familiar: um estudo de caso num condomínio de grãos no Sudoeste do Paraná. 72 f. TCC (Curso de Agronomia), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2016.

O condomínio apresentado nesse estudo de caso é composto por duas gerações de uma família, que uniram a capacidade de gestão e execução dos seus estabelecimentos numa única unidade de produção de 140 hectares no município de Itapejara d'Oeste, no Sudoeste do Paraná. Esse grupo familiar empreendeu essa forma de organização para enfrentar as dificuldades típicas da produção de grãos pela agricultura familiar de pequeno porte, como a falta de recursos em terras e capital, entretanto, sua capacidade de superar as dificuldades inerentes revelaram uma estratégia que nessa pesquisa instiga o foco sobre o tema da novidade organizacional. Para tanto o objetivo desta pesquisa foi compreender a estratégia de meio de vida de um Condomínio de grãos a partir do olhar dos atores sociais envolvidos. Do ponto de vista metodológico, estabeleceu-se uma pesquisa sobre a história de vida desse grupo, corroboradas com as percepções dos pesquisados num grupo focal. O estudo conclui que o condomínio em si é a grande novidade gestada pelas famílias que comprometeu e envolveu os jovens sucessores. Assim, a própria gestão do Condomínio, tornou-se um meio para alcançar a sucessão geracional.

Palavras-chave: Condomínio. Novidade Organizacional. Sucessão Geracional. Meios de vida.

ABSTRACT

BIAVA, Jhuly Caroline. The role of novelties productions in family agriculture: a case study in a grain condominium in Southwestern Paraná. 72 f. TCC (Agronomy Course) - Federal University of Technology - Paraná. Pato Branco, 2016.

The condominium showed in this case study is composed of two generations of one family, that, they had united the management and execution capacity of their establishments in a unique production unit of 140 hectares in Itapejara d'Oeste City, in Southwestern of Paraná. This family group had engaged this kind of organization to face the typical difficulty of grain production by the family agriculture of small gait, like the lack of resources in ground and money, by the way, their capacity of facing difficulty inherent revealed a strategy that in this research instigates the focus about the theme of novelty organizational. Therefore, the objective of this research was comprehend the way of life strategy of a grain condominium by the view of social actors involved. By the methodologic point of view, it had been established a research about the life story of this group, corroborated with the perceptions of the researched in a focal group. The study concluded that the condominium, in it, it's the big novelty managed by the families that compromised and involved the younger successors. This way, the own gestation of condominium became a middle to achieve the generational succession.

Keywords: Condominium. Organizational Novelty. Generational Succession. Livelihoods.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Localização geográfica do município de Itapejara d'Oeste, no estado do Paraná. Fonte: IBGE (2014)..... 18
- Figura 2 – Indicadores da Composição do Produto Bruto (A) e da Renda Total (B) no ano agrícola 2004/2005. Fonte: Elaborado pela autora a partir de Perondi (2007). UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 43
- Figura 3 – Indicadores da Composição do Produto Bruto (A) e da Renda Total (B) no ano agrícola 2009/2010. Fonte: Elaborado pela autora a partir de Perondi (2013). UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 45
- Figura 4 – Indicadores da Composição do Produto Bruto (A) e da Renda Total (B) no ano agrícola 2014/2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 46
- Figura 5 – Gráfico comparativo da Composição da Renda Total da família do estudo de caso nos anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 46
- Figura 6 – Gráfico comparativo da Composição do Produto Bruto da família do estudo de caso nos anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 47
- Figura 7 – Comparação da Renda Total da Família com a média do município para os anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 48
- Figura 8 – Comparação da Renda do Trabalho (RW) da Família com a média do município para os anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 48
- Figura 9 – Comparação da Renda Agrícola da Família com a média do município para os anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016..... 49

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

ACESI	Associação do Centro de Educação Sindical
CI	Consumo Intermediário
D	Depreciação
DVA	Divisor do Valor Agregado
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
IBGE	Índice Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPC	Índice Nacional de Preços ao Consumidor
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
ORT	Outras Rendas do Trabalho
PB	Produto Bruto
POA	Perspectiva Orientada aos Atores
PR	Unidade da Federação – Paraná
PROAGRO	Programa de Garantia da Atividade Agropecuária
RA	Renda Agrícola
RNA	Renda Não Agrícola
ROF	Renda de Outras Fontes
RTS	Renda de Transferências Sociais
RW	Renda do Trabalho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	16
2.1 GERAL.....	16
2.2 ESPECÍFICOS.....	16
3 A DESCOBERTA DO CASO NO PROJETO ITAPEJARA.....	17
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
4.1 NOVIDADE ORGANIZACIONAL FAMILIAR.....	19
4.2 ASSOCIATIVISMO RURAL.....	23
4.3 SUCESSÃO GERACIONAL NO MEIO RURAL.....	26
5 METODOLOGIA.....	29
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
6.1 O CASO DA FAMÍLIA.....	32
6.2 HISTÓRICO DA FAMÍLIA.....	33
6.3 O SURGIMENTO DO CONDOMÍNIO.....	34
6.4 OBJETIVOS COMUNS.....	37
6.5 DA ABRANGÊNCIA DO CONDOMÍNIO.....	37
6.6 TRAJETÓRIA DA RENDA.....	42
6.7 SUCESSÃO GERACIONAL.....	49
6.8 RESULTADOS DO CONDOMÍNIO.....	54
6.9 PERSPECTIVAS DE FUTURO.....	56
6.10 NOVIDADE.....	59

1 INTRODUÇÃO

O Brasil vem sendo considerado um dos principais produtores de grãos do mundo e apresenta grande expressividade de potencial produtivo.

Os grãos são considerados *commodities*, ou seja, moedas de troca. A agricultura baseada em um sistema de *commodities* exige grande volume de produção, que, por conseguinte, exige grandes volumes de área produtiva. A quantidade de área viável e mecanizada que um produtor de *commodities* possui é um fator limitante no quesito renda, e com certeza, pode refletir positiva ou negativamente na rentabilidade e viabilidade da produção.

A exigência de área produtiva vem se apresentando como um problema, que resulta na valorização do preço da terra que na região já é considerado de alto valor, muitas vezes, inacessível ao pequeno agricultor. Dessa forma, para agricultores que possuem uma pequena área de terra, torna-se um entrave ampliar a agricultura de *commodities*, pois, não há condições de se adquirir mais área, em função do preço e da própria oferta escassa de terras no mercado. Logo, faltam terras para a agricultura de *commodities*.

Além da falta de terra, essa agricultura exige máquinas e equipamentos próprios para um ganho de escala e redução de gastos com serviços de plantio e colheita, ou arrendamento de terras. Dessa forma, a terra e os maquinários somam uma margem cada vez maior em benefício do produtor a cada área a mais mobilizada.

Com relação à prática do associativismo no campo, também conhecido como Condomínio rural, pode-se dizer que o trabalho em associação no meio rural bem como a utilização de máquinas e equipamentos de uso comum permitem a otimização da terra, capital e mão de obra, podendo haver ou não vínculo familiar, uma vez que, o que caracteriza o associativismo é o trabalho em conjunto.

Deve-se levar em consideração que a associação exige que todos possam abrir mão de alguma coisa em prol de um todo. Entretanto, ainda assim, o negócio torna-se vantajoso, pois, soluciona o problema da falta de terra, mão de obra, maquinário, e ainda, aumenta a produção em grande escala.

Segundo o MAPA (2016), o associativismo rural é uma alternativa necessária para viabilizar as atividades econômicas, possibilitar aos trabalhadores e pequenos produtores uma oportunidade efetiva de se inserir no mercado havendo melhores condições de concorrência.

O Condomínio está estritamente relacionado ao usufruto, ou seja, bens de uso comum pertencentes às famílias ou associações. O objetivo do Condomínio rural é promover a exploração em comum de serviços, permitindo maior racionalização no uso dos fatores de produção (maximização), sem fins econômicos, e não havendo a emissão de nota fiscal.

“A existência de um condomínio nos mostra que, dentro desse grupo social há interesses em comum, estratégias em comum, elos de confiança que conformam um grupo social” (ALENCAR, 1997).

Um Condomínio pode ser considerado uma instituição, e depende da confiança acima de tudo. Para Putnam (1996)¹ quando se deposita confiança nos demais membros, há a expectativa de comportamento previsível por parte de todos. Com isso, busca-se uma garantia, e principalmente fugir dos riscos.

Apesar de tantos benefícios, um dos principais problemas que pode ser observado no associativismo rural é a falta de cooperação ou a desconfiança para com os demais membros. A confiança é o fator considerado fundamental para haver cooperação.²

“A confiança promove a cooperação. Quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação. E a própria cooperação gera confiança” (PUTNAM, 1996).

Portanto, o associativismo nada mais é que uma relação baseada em confiança e cooperação. Essa relação depende da confiança que um membro deposita na atuação de seu colega, e vice-versa. Quanto maior for o grau de confiança e a consequente cooperação existente entre os atores sociais envolvidos,

1 Putnam (1996) procurou compreender o papel da confiança na construção de uma cooperação além da família, entretanto, seus fundamentos são também apropriáveis para compreender a cooperação em empreendimentos familiares, onde a confiança é o elemento fundamental da organização, nesse caso, do Condomínio.

2 Como exemplo de cooperativismo e confiança, podemos citar as experiências de cooperativa de crédito no Brasil. O que difere uma cooperativa de crédito de um banco é a relação de confiança. Nas cooperativas, há uma maior relação de proximidade e confiança entre os mesmos.

maior será o desenvolvimento econômico do negócio. Se considerarmos uma associação familiar (ou Condomínio), pode-se afirmar que há um vínculo de convivência construído pela família por meio da confiança. Esse vínculo torna a relação nos negócios muito mais estreita e facilitada, uma vez que há um grau maior de confiabilidade em laços consanguíneos.

No estudo de caso contextualizado a seguir, por necessidade e sem haver a intenção de executar a prática do associativismo, dois irmãos passaram a trabalhar em Condomínio, quando esses optaram por unir as propriedades e usufruir do mesmo maquinário, realizando investimentos para uso comum, inserindo os filhos na atividade sendo que esses já estão assumindo o empreendimento. Dessa forma, percebe-se que a sucessão familiar já ocorre, sendo juntamente com a associação, uma solução para essas famílias frente às dificuldades que vinham sendo enfrentadas individualmente, e hoje, com a união do patrimônio e trabalho em conjunto, tornam-se mais fortes para concorrer no mercado de *commodities*.

A partir daí, surge então uma família rural trabalhando em Condomínio de maneira informal, já que para eles essa nova forma de trabalho aconteceu de maneira natural. O contrato social existente entre eles é embasado apenas na confiança, e isso já torna grande a probabilidade de ser um negócio promissor.

O grupo familiar em foco consiste nos progenitores atuando junto aos sucessores, envolvendo dessa forma, duas gerações num mesmo empreendimento, trazendo o associativismo e a sucessão como forma de solucionar os problemas para ambas as famílias, e fortalecendo a atuação das mesmas.

Ainda que de maneira inevitável, ocorre uma novidade no sentido organizacional familiar, revolucionando a maneira de trabalhar em conjunto, trazendo inúmeros benefícios, sendo que dessa novidade derivam outros fatores importantes para o crescimento e desenvolvimento do negócio, onde os principais são o aumento da renda do grupo social, a gestão em associação, a questão da sucessão que se resolve, o uso do bem comum, o trabalho em conjunto na área, utilização de máquinas, equipamentos, etc.

A principal característica da novidade é que essa é advinda do conhecimento tácito e limitada ao contexto local, ou seja, criada pelos atores sociais

para atender as necessidades internamente na propriedade. Além do mais, a novidade não é padronizada, não segue uma linha de pensamento. É construída por caminhos tortuosos, sem definir onde exatamente se pretende chegar.

É importante salientar que esse caso foi escolhido em função deste grupo familiar se destacar numa pesquisa mais ampla com atualização quinquenal de um painel amostral de 100 famílias no meio rural do município de Itapejara d'Oeste (PERONDI, 2007 e 2013). Em específico, esse grupo familiar despertou interesse, porque o caso une o tema da novidade organizacional, associativismo e sucessão geracional.

Para tanto, esta pesquisa estabeleceu a seguinte pergunta: Qual é afinal a novidade gestada pela família que acabou por envolver os jovens sucessores e quais são os resultados?

A pesquisa buscou compreender a estratégia de meio de vida de um Condomínio de grãos a partir do olhar dos seus atores.

Assim, por meio de entrevistas realizadas com os principais envolvidos do Condomínio, procurou-se investigar e debater questões relacionadas à novidade organizacional, ao associativismo no meio rural e sucessão geracional na agricultura familiar.

O trabalho a seguir apresenta os objetivos, referencial teórico, um breve histórico de como o caso foi descoberto, a metodologia utilizada, os resultados e discussões, conclusão e considerações finais, e por fim, a entrevista semiestruturada utilizada com a família.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Compreender a estratégia de sucessão geracional numa família rural que participa de um Condomínio de grãos e analisar essa novidade organizacional para a agricultura familiar a partir do olhar dos atores sociais envolvidos.

2.2 ESPECÍFICOS

1. Apropriar-se teoricamente dos temas: novidade organizacional, associativismo e sucessão;
2. Analisar os efeitos da novidade na trajetória histórica da família, bem como a trajetória de renda em 2005, 2010 e 2015;
3. Analisar a história de vida das famílias envolvidas no Condomínio;
4. Explicar a novidade organizacional do Condomínio e sua relação com a sucessão.

3 A DESCOBERTA DO CASO NO PROJETO ITAPEJARA

A família em questão está inserida num projeto de pesquisa realizado no município de Itapejara d'Oeste, região Sudoeste do Paraná. Nesse caso, procurou-se investigar a fundo a trajetória de vida de uma das famílias de um conjunto de 100 famílias rurais do município acompanhadas no projeto maior, que em resumo, consiste num painel quinquenal. O marco zero desse painel aconteceu em 2005 e foi publicado por Perondi (2007) e depois foi atualizado em 2010 e 2015.

A partir da investigação de Perondi (2007 e 2013) foi possível gerar um banco de dados contabilizando informações de 100 agricultores familiares. Nesse banco de dados, a renda é considerada um dos principais indicadores socioeconômicos das famílias em foco. Para tal, o cálculo da renda das famílias foi obtido de Lima (1995) e FAO/INCRA (1999).

Nos últimos anos, muitas pesquisas foram realizadas com base no Projeto Itapejara, como a dissertação de Villwock (2015). Pesquisas como essa representam a realidade da agricultura familiar do município de Itapejara d'Oeste, mas, também servem para ilustrar a realidade da região Sudoeste do Paraná.



Figura 1 – Localização geográfica do município de Itapejara d'Oeste, no estado do Paraná. Fonte: IBGE (2014).

O município de Itapejara d'Oeste possui cerca de 11.335 habitantes, sendo 46% rural, situado a 360 km da capital Curitiba e localizado na região Sudoeste Paranaense (IBGE, 2014).

A escolha do município para execução do projeto se deve ao fato de o mesmo ser característico e representativo acerca das “particularidades socioeconômicas e agrícolas da região Sudoeste do Paraná, como a distribuição fundiária, origem étnica dos agricultores, predominância da agricultura familiar, topografia, solo e a produção de soja, milho, leite, aves e suínos” (PERONDI, et. al. 2015).

Em particular, a respeito dessa pesquisa, observou-se no banco de dados a existência de algumas famílias que se organizam produtivamente na forma de condomínios e, em específico, essa família foi escolhida para essa pesquisa, porque no ano de 2015, apresentou-se de forma diferente das demais, com características organizacionais que despertaram muito interesse de pesquisa acerca da novidade organizacional dos condomínios.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 NOVIDADE ORGANIZACIONAL FAMILIAR

O termo novidade diz respeito a tudo aquilo que é novo. De maneira geral, momentos de crise ou situações de adversidades sempre resultam em adoção de novas estratégias por parte daqueles que estão vulneráveis, se utilizando da criatividade e construindo “novas iniciativas de desenvolvimento rural” (MARSDEN, 2003; PLOEG et al., 2000 e PLOEG e RENTING, 2000).

O processo de construção de alternativas executado pelos agricultores e suas organizações, é designado pelos autores Mello e Schneider (2013) como produção de novidades, sendo que o objetivo é enfrentar as dificuldades e vulnerabilidades a que estão sujeitos, construindo alternativas viáveis à sobrevivência e reprodução social. Os mesmos autores ainda constataram que, criando e executando essas estratégias, os agricultores estão atuando em um processo de mudanças sociais, econômicas e produtivas.

Segundo Medeiros e Charão (2011), os projetos praticados por agricultores familiares são construídos sob alicerces da diversidade de conhecimentos dos próprios agricultores familiares – o chamado conhecimento local – e dos mediadores sociais – a tecnociência.

Conforme o enfoque teórico com base na Perspectiva Orientada aos Atores (POA), Gazolla (2012) reconhece que os agricultores possuem ação ativa e esses são definidos como portadores de “conhecimentos” e “saber”, fazendo valer suas escolhas e estratégias. Nesse sentido, o mesmo autor ainda afirma que os agricultores se utilizam de seus conhecimentos e inovam em seus modos de vida e práticas de trabalho.

Gazolla e Schneider (2015) afirmam que o conhecimento é a base do processo sociotécnico dos agricultores, também chamado de 'insumos básicos' para a produção de novidades.

Os autores Oostindie & Broekhuizen (2008) também corroboram com essa discussão, e salientam que a agricultura não é um processo unidirecional, e

consequentemente, não é praticada simplesmente com base em recursos, mas também traz efeitos de precedência (feedback) através do qual os recursos são melhorados de diferentes formas (tradução da autora).

Para Schneider e Gazolla (2015), as interações de agricultores com outros atores sociais também são relevantes. Os autores afirmam que embora em pequena escala de unidades de processamento na exploração, o conhecimento dos agricultores compreende a base para a criação de novidades, a interação com outros agricultores e agentes, tais como técnicos da extensão que também desempenham um papel importante na criação de novidades (tradução da autora).

A novidade é um tipo de inovação, específico na forma como ela surge e nos resultados que ela traz. O termo novidade – utilizado para definir uma nova estratégia – difere-se de inovação, conforme definido por Mello e Schneider (2013) abaixo:

O que distingue uma novidade de uma inovação é o fato da novidade estar associada ao conhecimento tácito e limitada ao contexto local enquanto uma inovação é a expressão do conhecimento codificado, construída primeiramente, em um mundo externo da produção, incorporado a um artefato que pode ser transposto de um local para outro. (MELLO E SCHNEIDER, 2013).

Para Medeiros e Charão (2011), pode-se interpretar uma “novidade” como uma modificação e em alguns casos, como uma alteração na rotina; novidade também pode estar relacionada a uma modificação em uma prática existente ou consistir em uma nova prática. Sendo assim, também pode ser uma nova maneira de fazer ou pensar, para promover melhorias nas rotinas já existentes.

Gazolla (2012) ressalta que os agricultores produzem diferentes tipos de novidades, podendo ser novos conhecimentos, novas redes sociais, novas tecnologias e mercados, novos processos ou produtos, dentre tantas outras novidades com o objetivo de alcançar autonomia e sustentabilidade nas atividades que desenvolvem.

Para Mello e Schneider (2013), Gazolla (2014) e Medeiros e Charão (2011), a produção de novidades não está limitada somente à tecnologia ou ao

processo produtivo. A produção de novidades também pode acontecer no campo social, institucional e organizacional, podendo ocorrer internamente às unidades produtivas, criando e consolidando dispositivos coletivos e arranjos institucionais, bem como formas de organização da produção.

Para Gazolla (2014), as novidades que os agricultores geram dentro das unidades de produção estão relacionadas à prestação de um novo serviço rural, o desenvolvimento de um novo processo produtivo ou produto. Nesse estudo de caso, entender o desenvolvimento de um novo processo de organização social é o que nos interessa.

Assim como para Ploeg (2003), Gazolla (2012) também entende as novidades como uma das importantes dimensões do processo de desenvolvimento rural.

O artigo de Mello e Schneider (2013) apresenta o caso da região Oeste de Santa Catarina, onde as novidades surgiram por meio da necessidade de buscar estratégias para superar a crise de maneira coletiva. Há duas novidades organizacionais que estão em fase de consolidação nessa região: a agroindústria familiar rural e as cooperativas de comercialização de leite. Essas duas novidades revelaram a “existência de atores sociais inovadores que reagem criativamente e exploram novas vias de desenvolvimento” (MELLO E SCHNEIDER, 2013). Além disso, elas surgem como resposta à redução da renda líquida da agricultura e expressam a criação de espaços de manobra em ambientes competitivos e a busca por autonomia.

O artigo de Gazolla (2012), vem corroborar com o tema no sentido de entender os novos mercados na Região do Médio Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, como novidades construídas pelos agricultores nas agroindústrias familiares rurais. Esses mercados são considerados como novidades pois há muitas características existentes que os justificam como tal, como por exemplo, as experiências surgirem do conhecimento que os agricultores possuem, agindo de forma ativa, além do alto grau de autonomia que a família adquire em alguns destes mercados, diminuindo assim as suas dependências. Também por possuírem

sustentabilidade socioeconômica e ambiental, além de se basear nas estratégias dos agricultores e do núcleo familiar para comercializar a produção.

Gazolla e Schneider (2015) também evidenciaram que “as agroindústrias familiares são capazes de gerar novidades, em seus processos reprodutivos, que são de diferentes tipos e modificam o ambiente institucional em que estão inseridas” (GAZOLLA e SCHNEIDER, 2015). Os tipos de novidades produzidas nas agroindústrias são: produtivas, tecnológicas, mercadológicas e organizacionais.

A questão da novidade surge também no artigo de Perondi et. al (2014), que trata da gestão social da água, por meio de um estudo comparativo entre o caso do Polo Sindical de Borborema, na Paraíba e o projeto *Água e Qualidade de Vida*, realizado pela Associação do Centro de Educação Sindical (Acesi), na região Sudoeste do Paraná. Trata-se de um problema comum – a dificuldade de acesso à água em condições adequadas para o consumo. A novidade introduzida, tanto com a construção das cisternas de placas no nordeste, quanto no projeto de conscientização ambiental e proteção de fontes na região sul, buscava preservar e aproveitar os recursos hídricos naturais. Os autores observaram que o processo de gestão social da água é a novidade existente nos dois casos, pelo fato de haver a participação da comunidade e sindicatos para resolver o problema da falta de água em regiões distintas, ressaltando a importância e eficiência dessas iniciativas diante de situações adversas.

Com relação à família do estudo de caso, mesmo que de maneira informal, esses desenvolveram naturalmente estratégias alternativas para se manter no mercado de *commodities*, e isso resultou em novidade no sentido organizacional familiar, trazendo inúmeros resultados e benefícios – o que nos inspira a investigar ainda mais a história dessa família e como tudo aconteceu.

4.2 ASSOCIATIVISMO RURAL

A humanidade, ao longo de sua história, retrata desde os primórdios indícios da prática da cooperação, que tinha como intuito principal a sobrevivência. A exemplo disso, podemos citar as tribos indígenas, sendo que essas ainda se utilizam da arte de sobreviver em grupo. Para haver recursos associativos em um grupo ou comunidade, é necessário existir entre os membros confiança, reciprocidade e cooperação.

De acordo com Mello e Schneider (2013), as redes de sociabilidade manifestam-se por meio dos laços de confiança e solidariedade buscando soluções para os problemas comuns. Essas “redes” são expressas em forma de capital social. “Os estoques de capital social, como confiança, normas e sistemas de participação, tendem a ser cumulativos e a reforçar-se mutuamente” (PUTNAM, 1996).

Segundo Putnam (1996), o que difere o capital social das demais formas de capital é que, quanto mais se utiliza o capital social, mais aumenta seu estoque. Já as outras formas de capital se consomem com seu uso.

Putnam (1996), em sua análise sobre as regiões italianas, adota uma visão culturalista, e afirma que o capital social é consequência de uma lenta acumulação histórica, formado pela reiteração de experiências coletivas que levam ao surgimento e à consolidação de organizações, redes, normas, costumes e atitudes que favorecem a ação coletiva.

“Associativismo está relacionado à noção de atividade humana desenvolvida em grupo” (Alencar, 1997). O associativismo nada mais é que uma relação baseada em confiança e cooperação.

Como as associações são grupos sociais, o associativismo pode se manifestar de duas formas: de natureza informal ou legalizada (formal). Conforme Alencar (1997), o associativismo formal vem se expandindo devido ao processo de capitalização da agricultura. As formas de associativismo formal mais conhecidas no setor rural brasileiro são cooperativismo e sindicalismo. Além disso, há ainda o

associativismo informal, que “representa formas espontâneas de ajuda mútua, de modo geral, desenvolvidas entre membros de uma comunidade” (ALENCAR, 1997). Os Condomínios são um exemplo de associativismo de natureza informal.

Condomínio Rural é uma sociedade civil de fins não econômicos que tem como principal objetivo promover a exploração em comum de bens ou serviços, permitindo uma maior racionalização no uso dos fatores de produção, ou seja, capital, terra e trabalho. O debate acerca do tema “condomínio rural” está intrínseco nesse estudo de caso, uma vez que a família exerce suas atividades agrícolas na forma de Condomínio informal.

Um exemplo de pesquisa com base na discussão sobre Condomínio e Associativismo é o estudo realizado pelos autores Meneguice et. al (2007) acerca das experiências da ação conjunta de trabalho de um caso bem sucedido de associação no Condomínio Irmãos Pizzolatto, localizado no município de Saudade do Iguaçu – PR. Os autores realizaram um estudo de caso, através de análise sobre os aspectos da vida e trabalho das famílias rurais que formam o Condomínio, apresentando o histórico e surgimento do Condomínio, a trajetória de vida dessas famílias, os objetivos comuns e papéis nas atividades, a infraestrutura da propriedade, os resultados econômicos, além das perspectivas e dificuldades enfrentadas no Condomínio. A partir desse trabalho, os autores puderam afirmar que a organização do Condomínio proporcionou vantagens econômicas e de qualidade de vida que dificilmente as famílias alcançariam isoladamente. Outra vantagem está na divisão das tarefas entre os integrantes do Condomínio, com melhor eficiência no trabalho e conseqüente satisfação para os agricultores. Além disso, a permanência das famílias no campo influenciada pelo Condomínio, o bom relacionamento existente entre os membros, a clareza nas regras impostas, o comprometimento e objetividade têm contribuído para o sucesso alcançado.

Meneguice et. al (2007) ainda afirmam que os resultados alcançados pelos Irmãos Pizzolatto no trabalho em Condomínio “permitem sugerir que a estratégia do trabalho conjunto é alternativa viável para a agricultura familiar no Sudoeste do Paraná, naquele estrato em que há insuficiência de recursos de terra,

financeiros e/ou de mão de obra para a consolidação de sistemas de produção sustentáveis” (MENEGUCE et. al, 2007).

Fraga (2012) afirma que os benefícios proporcionados para os membros de um grupo organizado serão reflexos do quanto há organização e comprometimento dos membros para com o grupo.

4.3 SUCESSÃO GERACIONAL NO MEIO RURAL

O processo de sucessão geracional na agricultura, segundo Savian (2014), pode ser entendido como “a criação de uma nova geração de indivíduos que permanecem no campo e que assumem o comando do estabelecimento agropecuário”, constituindo sucessores para a unidade de produção.

Para Kiyota e Perondi (2014), “o trabalho na agricultura permanece sendo uma atividade herdada”. Ou seja, a transferência do controle e do empreendimento se dá entre membros da família.

Com relação à sucessão familiar, um fato muito peculiar que vem acontecendo e pode ser percebido através de estudos realizados ao longo dos anos, é que a sucessão geracional rural não é apenas uma questão de renda. Há outros fatores envolvidos nessa decisão. Diversos autores retratam a sucessão familiar no campo com seus apontamentos. De maneira geral, há dois pontos principais que podem influenciar na sucessão ou não dos filhos numa propriedade rural, sendo que esses ainda não se explicam de forma clara, portanto, não há como afirmar se (1) existe investimento/perspectiva quando há sucessor ou se (2) não há investimento/perspectiva quando não há sucessor.

A renda é com certeza uma questão de motivação, porém, não é o único fator explicativo da sucessão geracional no campo, mas é inevitavelmente uma consequência. Em pesquisa realizada por Kiyota e Perondi (2014), observou-se que “não há um único condicionante que defina o sucesso da sucessão geracional na agricultura familiar.” Há muitos fatores a se considerar quando se trata de sucessão. A consequência disso pode variar de acordo com cada caso. Segundo Brumer e Spanevello (2008):

A perspectiva de continuidade da agricultura familiar e de suas unidades produtivas depende de uma série de fatores que dificultam ou facilitam a permanência dos jovens. Esses fatores não são únicos nem isolados, mas interligados entre si e dizem respeito às condições socioeconômicas familiares e da unidade produtiva; [...] São dimensões que constroem as

razões e as motivações dos jovens de querer ou não ser agricultor(a), de querer ou não ficar no meio rural (BRUMER; SPANEVELLO 2008, p. 13).

O autor Kischener (2015) nos mostra que a respeito do tema da sucessão geracional na agricultura familiar, muitos autores citam os seguintes fatores que se fazem presentes na temática da sucessão geracional: a) a questão histórica, b) a questão de gênero, c) a questão de renda, d) o grau de escolaridade, e) os projetos de vida dos jovens, f) a sociabilidade urbana, g) a influência da comunidade e h) o trabalho.

Brumer (2007) constatou que a maioria dos estudos sobre sucessão geracional na agricultura está embasada nos projetos dos jovens ou nas expectativas dos pais.

Para Abramovay et al, (1998) apud Stropasolas (2011), sucessão geracional é transferir poder e patrimônio entre gerações no meio rural, ou seja, as gerações mais velhas se retiram da gestão do estabelecimento e se inserem os jovens, constituindo em termos profissional, a formação de um novo agricultor. E para Abramovay (1992), a sucessão geracional “não pode ser confundida com herança ou divisão patrimonial” e que sucessão geracional requer uma preparação.

Logo, “a sucessão geracional deve ser compreendida como um processo e não apenas como a troca de um gestor por outro” (KIYOTA E PERONDI, 2014). Para Lobley (2010), a sucessão geracional ocorre em maiores proporções na agricultura familiar, do que se comparado com as demais ocupações autônomas.

Os autores Meneguice et. al (2007), através de pesquisa realizada acerca do Condomínio Irmãos Pizzolatto, puderam afirmar que o exercício do Condomínio pode se mostrar vantajoso no que diz respeito à sucessão geracional no meio rural. Essa experiência de sucesso confirma a hipótese de que o empreendimento conjunto – envolvendo famílias e gerações – colabora com o dilema da sucessão.

“Famílias que já tinham saído do meio rural e outras que tinham dificuldade em se manter viáveis aí, pela excessiva divisão das terras herdadas dos pais, puderam prosseguir na profissão que mais os motivava e para a qual

se sentiam mais bem preparados, graças à formação do condomínio. Ao invés de dividir as terras, produzir em conjunto foi a alternativa que propiciou a permanência no campo” Meneguete et. al (2007).

Também os autores Kiyota, Perondi e Vieira (2012) corroboram, ao pesquisar o Condomínio (Irmãos Pizzolatto) sob a perspectiva da sucessão geracional na agricultura familiar a partir dos projetos dos jovens. Nesse estudo, os autores observaram que as famílias buscam estratégias para atrair o interesse dos jovens na unidade produtiva. A remuneração do trabalho individual apresentou influência na autoestima e criou vínculos de pertencimento e responsabilidade por parte dos jovens no Condomínio familiar, além de ser um estímulo monetário, contemplando os projetos individuais dos filhos. Entretanto, os autores também afirmam que os jovens – ao longo do seu percurso – ainda poderão sofrer outras influências, que podem interferir na decisão de permanecer (ou não) atuando na propriedade como produtor.

Há ainda outras experiências que contribuem para a discussão acerca do processo de sucessão acontecendo em Condomínios, como por exemplo, o caso de um colega, acadêmico do curso de Agronomia, que se voluntariou para que essa pesquisa pudesse pré-qualificar os instrumentos de pesquisa e, nesse caso, a entrevista revelou a experiência da sua família no Oeste Catarinense num Condomínio iniciado pelo seu avô para a produção de grãos. Hoje os filhos (seus pais e tios) já assumiram o comando dos negócios, e os netos (incluindo ele) colaboram com o trabalho. Apontou vários aspectos positivos e negativos e contou ainda que apesar de mal administrado (não havendo controle sobre os custos e divisão de salários), o Condomínio apresenta saldo positivo para as famílias envolvidas, onde todos os membros são mantidos por essa forma de trabalho. Nessa oportunidade, o mesmo relatou ainda que é comum o trabalho de forma coletiva entre as famílias na região Oeste de Santa Catarina, havendo outras experiências de condomínios bem sucedidos.

5 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi primeiramente em busca de um referencial teórico sobre os temas da “novidade organizacional”, “associativismo” e “sucessão geracional”, em que se buscou aprofundar suficientemente para desenvolver a pesquisa em si.

Na segunda etapa, realizou-se o levantamento de dados acerca da trajetória de renda da família. Para tal, foi utilizado o método quantitativo. De acordo com Richardson (1999), a pesquisa quantitativa é um método bastante utilizado, sendo que a mesma se caracteriza pela quantificação de coleta de informações e pela habilidade de manipulação dos dados através de técnicas estatísticas. O método quantitativo tem a garantia de resultados precisos, evita distorções de interpretação e análise, e possibilita uma margem de segurança. Para o levantamento de dados, o método quantitativo foi utilizado através de um diagnóstico semiestruturado da renda aplicado nos anos agrícolas 2004/2005, 2009/2010 e 2014/2015 no município de Itapejara d'Oeste, como já explorado anteriormente (Projeto Itapejara, 2005, 2010 e 2015). O cálculo da renda das famílias foi obtido através da metodologia descrita em Lima (1995) e FAO/INCRA (1999).

Villwock (2015) também fez uso deste mesmo banco de dados e contribuiu no sentido de explicar os indicadores utilizados para o cálculo da renda, que são:

- PB (Produto Bruto): valor de toda produção vendida, estocada e consumida pela família no período analisado, dentro da propriedade.
- CI (Consumo Intermediário): valor dos insumos e serviços adquiridos fora da propriedade e utilizados na transformação da produção. Estes insumos são totalmente consumidos no processo produtivo.
- D (Depreciação): é o valor que corresponde ao desgaste dos meios de produção que existem no estabelecimento, mas que não são consumidos totalmente no processo produtivo.

- DVA (Divisor do Valor Agregado): despesas para manter a propriedade e que não podem ser descontados de um único sistema produtivo, tais como: arrendamento, impostos, juros e salários.
- RA (Renda Agrícola): resultado da subtração do CI, D, DVA do PB, ou seja, é a parte líquida do PB.
- RTS (Renda de Transferências Sociais): relativo a aposentadorias, pensões e transferências.
- ROF (Renda de Outras Fontes): relativo a cobrança de arrendamentos de terras, aluguéis, rendas com poupança, doações e aplicações. São rendas não oriundas do trabalho.
- ORT (Outras Rendias do Trabalho): relativo a atividades agrícolas fora da propriedade.
- RNA (Renda Não agrícola): renda de atividades não-agrícolas.

Lima et. al (1995) explica que a Renda Agrícola (RA) resulta da subtração do Consumo Intermediário, Depreciação e Divisor do Valor Agregado do Produto Bruto.

Com a intenção de melhor visualização dos dados e a título de comparação com as médias do município, foi necessário realizar a união de indicadores para produzir o indicador Renda do Trabalho (RW). A renda do trabalho considera todas as formas de trabalho (agrícola e não agrícola). Sendo assim, foi necessário somar a Renda Agrícola (RA), Renda Não Agrícola (RNA) com Outras Rendias do Trabalho (ORT).

A terceira etapa dessa pesquisa conta com um pré-teste do roteiro. Anterior à pesquisa de campo realizada com a família do estudo de caso, foi realizado um teste do roteiro de pesquisa (questionário) com um colega do curso de Agronomia que teve a percepção de que a sua família também se encaixava nos moldes dos Condomínios Rurais. Com o intuito de familiarização do questionário e dos temas abordados, esse pré-teste realizado permitiu obter resultados parciais da pesquisa exploratória e ainda proporcionou melhores condições de conhecimento acerca do assunto para a realização da pesquisa focal.

Por fim, a quarta e última etapa dessa pesquisa, que está embasada em um estudo de caso. Para tal, foi necessário estabelecer um contato mais próximo com a família, realizando uma pesquisa de campo, onde os principais envolvidos que se inserem nas atividades produtivas do Condomínio se disponibilizaram a responder a uma entrevista semiestruturada (em apêndice) com a intenção de compreender a história de vida desse grupo familiar e, ao mesmo tempo, esclarecer questões que estão intrínsecas no modo de vida dessas famílias e principalmente, compreender a estratégia adotada por eles a partir do olhar dos sucessores e sucedidos.

Nessa oportunidade, os membros do Condomínio que participaram do grupo focal foram os dois irmãos (José e Antônio), a nora e o neto de José, a esposa de Antônio, e um dos filhos de Antônio que chegou ao final dos questionamentos. Os demais estavam envolvidos em seus afazeres e não puderam se fazer presentes no dia da entrevista.

Godoy (1995) afirma que os aspectos que caracterizam um estudo de caso são: “[...] a sua particularidade suficiente para representar um caso, e ao mesmo tempo, a capacidade que apresenta para capturar aspectos e dimensões da diversidade mais geral da região [...]”.

De acordo com Gil (1996), as vantagens do estudo de caso são: (1) o estímulo a novas descobertas: dada a flexibilidade do planejamento do estudo de caso, o pesquisador mantém-se receptivo a novas descobertas. (2) a ênfase na totalidade: o pesquisador volta-se para a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo. (3) a simplicidade dos procedimentos: se comparado com outros procedimentos, o estudo de caso é uma metodologia bastante simples.

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuraram responder às questões “como” e “por quê” de certos fenômenos ocorrerem, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real (GODOY, 1995).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 O CASO DA FAMÍLIA

O senhor entrevistado (aqui utilizando o pseudônimo de José) foi escolhido entre as famílias que participam de um banco de dados de agricultores familiares do município de Itapejara d'Oeste em Perondi 2007 e 2013, e a partir disso, inserido nessa pesquisa por se organizar na forma de condomínio.

Por meio dele, foi possível conhecer e acompanhar a trajetória da família, e da mesma forma, observar a especificidade da organização produtiva na forma de condomínio de grãos.

A família de José participa da pesquisa em painel desde 2005, tendo sido atualizados os dados em 2010 e 2015. Desses três levantamentos, observou-se que a família inicialmente exercia as atividades de grãos e leite de forma individual e no período subsequente foi assumindo uma estratégia de condomínio de terras e máquinas para a produção de grãos.

Recentemente, no ano de 2015, a pesquisa foi novamente realizada, e dessa vez, a entrevista já foi respondida pelo filho de José – o qual reside atualmente na propriedade. Ele explicou que atualmente, a família trabalha numa sociedade com 5 sócios – envolvendo duas famílias e duas gerações. São eles: José e o filho, e Antônio (irmão de José) e os dois filhos de Antônio. A partir daí, percebeu-se ainda a expansão da área de terra, ou seja, dos anos 2005 e 2010 para o ano de 2015. O filho de José relatou que houve um crescimento da área da propriedade, sendo que isso se deve por compra de novas terras (num total de 30 alqueires), e também porque houve a junção da propriedade com as partes de terra do irmão.

6.2 HISTÓRICO DA FAMÍLIA

Os ascendentes da família (pais de José e Antônio) saíram do Rio Grande do Sul para desbravar as primeiras terras da região Oeste de Santa Catarina.

A família se instalou no município de São Lourenço do Oeste, onde permaneceram por aproximadamente 20 anos. No ano de 1975, mudaram-se para o município de Itapejara d'Oeste, onde começaram a limpar as primeiras áreas de terra para cultivo. *“Vai fazer 41 anos que estamos morando aqui, nesse mesmo lugar”.*

Enfrentaram algumas dificuldades quando chegaram no município de Itapejara, e a principal delas foi realizar o destoque e limpar as terras para iniciar o plantio. *“...era lavrar de boi e plantar de máquina de mão, bater a terra com a enxada...”*

“Pense que era difícil arar a terra quando tava muita cobertura em cima né, mas, daí já na primeira safra o pai comprou o trator – ano 76 – mas usado, dai não deu muito certo, no ano 78 trocou, comprou um novo e foi indo... o véinho tinha coragem e incentivava a gente pra meter a cara né.”

Antes de iniciar a atividade em associação, os irmãos relatam que vinham trabalhando com a produção de grãos, e relataram também que já havia um caso de sociedade na família.

O patriarca da família dividiu a terra com os filhos, dando a devida quota-parte para cada um. O filho mais velho foi o primeiro a se separar dos demais. Os irmãos mais novos trabalharam em sociedade em parceria com o pai durante anos, e aos poucos, também foram se dividindo (foram se desmembrando, trabalhando por conta). Mais tarde, a sociedade surgiu novamente – que é o caso apresentado a seguir.

“Nós temos mais irmãos, e no caso, nós vinha trabalhando em sociedade com o meu pai. Daí veio uma sociedade, daí o XXX como era o mais velho se separou, foi fazer pra ele, daí tem mais dois irmãos mais novos, trabalhamos anos em sociedade, daí fomos se dividindo com um, depois dividindo com o outro, e lá numa altura da vida fizemos nós dois a sociedade.”

6.3 O SURGIMENTO DO CONDOMÍNIO

Com a divisão do patrimônio, os irmãos mais novos foram comprando áreas de terra mais afastadas e com isso, foram indo pra longe.

José e Antônio permaneceram em proximidade com as terras, fazendo divisa, e esse foi um dos principais fatores que influenciou no surgimento do Condomínio.

“Depois, tivemos um pouco de sorte poder comprar uns pedaços fora, fomos colocando os irmãos mais novos fora e eu fui ficando, depois que os outros estavam todos colocados, terminou a sociedade com os outros, fizemos nós dois a sociedade. E deu certo é? Porque uma tu tem que morar até meio próximo pra uma sociedade dá certo, [...] e se conversar, um vai na casa do outro, trocar uma ideia, planejar, então pertinho fica fácil.”

A sociedade dos irmãos José e Antônio teve início por ocasião da compra de um terreno próximo do rio.

Um senhor tinha intenção de vender uma pequena área de terra próxima do rio. A área de terra foi ofertada para José. Naquela época, José disse que não tinha condições de realizar a compra sozinho. O dono do terreno insistiu na proposta de venda. José então lembrou do irmão e pensou que, em dois, seria possível realizar a compra da terra. Eram seis alqueires. Os irmãos fizeram a parceria, pois entenderam que podiam assumir a dívida juntos.

“...conversamos e tal, mas entre os dois dá de nós comprar! E daí naquele dia mesmo fizemos o negócio da terra...”

Dessa forma, deu-se início a sociedade dos irmãos José e Antônio. A partir daí, juntaram as máquinas (a plantadeira já era junto), e também juntaram as vacas – que foram usufruir do pasto na nova área adquirida.

A atividade que desempenhavam antes do Condomínio era a mesma. Os irmãos já vinham trabalhando com grãos, e permaneceram ainda nessa mesma atividade juntos.

“Sempre com grãos. O leite tinha uma época aí, até quando nós se unimos, [...] nós levamos as vacas daqui lá onde é que o R. mora, e daí misturamos todas as vacas, daí que começou.”

Depois de um tempo, venderam as vacas, pois começaram a realizar investimentos, compraram a colhedora, e em época de colheita voltavam tarde pra casa, às vezes faltava gente em casa pra tirar o leite e as vacas começaram a apresentar problemas, doenças... por fim, acharam por bem vender. *“...a gente, e os piá gostam mesmo é de lavoura...”*

“As vacas não tiveram sorte com nós! Mas foi poucos anos de leite, 3, 4 anos de leite daí paramos e ficamos na atividade de grãos. 2010, [...] nós terminamos daí, (o leite).”

Na entrevista, quando perguntados sobre quem idealizou ou tomou a iniciativa da associação e o que os levou a fazer essa escolha, responderam:

“acho que as duas partes deu tão certo que quando um pensou o outro já falou” (risos) [...] a gente viu né, a necessidade de se unir pra poder comprar as coisas, que individual ninguém podia ter tudo que precisa, e daí se unimos pra

trabalhar na agricultura, não falta mais nada, temos tudo, e o pai gostava de ver os filhos unidos, ele só queria isso aí... então a gente veio naquela união da família né, e não foi difícil pra nós se acerta, não foi difícil..."

A família também foi questionada se tinham conhecimento de algum caso de Condomínio de alguma outra família que trabalha ou trabalhou em associação e se isso influenciou na decisão. Como relatado anteriormente, já houve um caso de sociedade na família que deu certo e esse foi um dos principais fatores que os levou a firmar sociedade novamente (agora entre outros irmãos). Eles explicaram que:

"Influencia, porque tu vê que dá certo (a sociedade com os outros irmãos) se todo mundo na hora de pegar, pegar junto, tu tem certeza que dá certo, e se é com um que na hora do serviço ele arruma uma desculpa, e sai e tal... então na verdade uma sociedade tu tem que conhecer a pessoa que tu vai ser sócio, e confiar 100%, que na hora de trabalhar que precisa ir, tipo, na roça, tem dia que o serviço é pesado, tá tudo mundo ali, e quando tá na folga tá na folga e quando um sai fazer negócio, faz por todos, quem vai trabalhar fica trabalhando por todos, então conhecendo a família dá de fazer sociedade...."

Ainda relataram que, dos demais casos de Condomínio que tinham conhecimento, só ouviam falar mal, as pessoas os desincentivavam de fazer os negócios em sociedade, dizendo que as coisas não dariam certo, eram apenas desmotivados nesse sentido.

"...na verdade de fora nós tinha gente que dizia que não dá certo, que nós conhecemos família de parentes que abriram a sociedade, lá estavam os irmão trabalhando junto naquela época e eles se dividiram, cada um ficou com o pedaço dele e tal, outros ali também se dividiram, e eles diziam: mas não dá certo, não dá certo! Que nem ele falou, se todo mundo pegar junto... mas lá eles são trabalhador também, são gente trabalhadora, mas não sei porque que não se acertaram, as

vezes também chega o seguinte, chega uma altura da vida que tu quer se acomodar né, e uma sociedade nunca está acomodada porque os novos querem crescer e os velhos tem que acompanhar, daí no caso né, porque tudo envolve os pais né, então quando alguém quer se acomodar é difícil dar certo uma sociedade, porque ah eu quero parar... dai o certo é se dividir mesmo porque dai cada um pensa de um jeito..."

6.4 OBJETIVOS COMUNS

Dentre os objetivos comuns, o que levou os irmãos a fazer essa escolha de se unir em sociedade foi a necessidade e o fato da proximidade das terras. *"...e a vontade de ter mais um pouco e tu vai crescendo melhor..."*

Agora buscam expandir os negócios, realizando investimentos em terras, máquinas e implementos, caminhões, etc, sempre mantendo os filhos na atividade.

6.5 DA ABRANGÊNCIA DO CONDOMÍNIO

Todos os membros da família de José e Antônio estão envolvidos no Condomínio. Todos trabalham em conjunto.

Quando questionados a respeito da proximidade familiar, se isso ajuda ou atrapalha na hora de chamar um ou outro para o serviço, ou mesmo sobre as críticas decorrentes do trabalho, por exemplo, prontamente responderam que isso é um fator positivo para o Condomínio. Eles ressaltam que preferem trabalhar em família, e que não veem perspectivas de dar certo uma sociedade com a presença de um membro que não fosse familiar, por exemplo uma pessoa "estranha".

Conforme os relatos, o fato de estar em família facilita a comunicação, a forma de falar um com o outro, a exigência nos serviços, e na tarefa que cada um desempenha, a cobrança de um para com o outro, além da confiança que todos vão fazer a sua parte. Como eles responderam, se houvesse sociedade com pessoas

estranhas seria muito mais difícil as relações interpessoais decorrentes do dia a dia laboral, pois, não teriam a mesma proximidade, e assim, poderiam não criticar o trabalho mal feito do estranho por vergonha, o que não ocorre entre família.

“é, daí você não quer dar compromisso pra ele e ele também não enxerga que ele teria que estar lá naquele momento e daí se é uma pessoa de fora ninguém quer falar, e assim entre nós, se nós se disser também, se xingamos não quer dizer, fica tudo igual [...]”

Além disso, a família relata que nenhum dos participantes homens desempenha outra forma de trabalho fora do Condomínio (atividades não-agrícola).

Os rapazes fazem serviço de máquinas para terceiros com frequência (plantio e colheita), e o valor referente a esse tipo de serviço entra na sociedade – independente de quem o fez. *“...bastante gente procura, ah nós ganhamos bastantinho de trabalhar fora...”*

“...é, e eles (os filhos) fazem bem feito o serviço em cima de máquina, trabalham perfeito os 3, qualquer um dos 3, se estão colhendo, colhem bem, se estão plantando, plantam bem [...] Trabalham bem! É profissional o serviço deles! Mas é tão bonito de ver trabalhar de tão certo que eles fazem! Então nós fomos largando pra eles desde novos né, porque tem que ir deixando... eu dei bom porque o meu pai me deu liberdade de trabalhar né, e ele me fiscalizava e daí eu segui o mesmo exemplo, que deu certo!”

“...ano passado eles ficaram em primeiro lugar de menos perda do município, pela Emater e até nem era na nossa terra, nós tava colhendo pro vizinho lá e daí eles foram lá fazer a catação né do que joga fora. Foram os que menos perderam no ano passado, esse ano não teve...”

As noras desempenham outras atividades (agrícolas e não agrícolas), mas essas atividades não entram na sociedade da família. Uma das noras é

professora formada em Letras, e leciona aulas em escola do município. A outra nora da família também tem propriedade e produz leite, mas essa atividade não entra no Condomínio.

Por fim, foram questionados se alguma atividade em particular é desempenhada por uma ou outra família, dentro das condominiais, e assim, responderam que não há nenhuma atividade desempenhada particularmente. Não há distinção e todos fazem o mesmo serviço. *“não! é tudo uma só, como diz o outro, as propriedades é junto...”*

6.5.1 Do papel dos homens

Os homens e rapazes são responsáveis pelo serviço pesado, e de forma geral, trabalham na lavoura.

“...o serviço é assim, nunca tem pra um só, quando tem serviço é pra dois ou três, ou quatro ou até os cinco as vezes né, então sempre que tem pra dois, vai os mais novos, a maioria das vezes, e quando tem pra 4 ou 5 vamos todos, dai se reunimos: óh amanhã vamos resolver aquilo lá, dai vamos todos lá, época de colheita, de plantio que vem a safrinha né, tu colhe o trigo e já está plantando o soja, agora essa folia do meio safrinha tu colhe, o soja tu ta plantando o milho, dai vai a ceifa, o caminhão, a bazuca, a plantadeira, pra ergue o bag dai nós precisamos os 5 lá pra tocar o serviço, mas também vai deixando uma roça colhida e plantada, se fosse em 4 já dava apurado porque tem dias que.... agora até tem o caminhão meio grande, em 4 até faz a colheita e o plantio e aí não precisa tá só abrindo bolsa também né, o bag ergue ali.... as roça longe muitas vezes acontece de tá 4 ou 5 máquinas e tá só em 2 lá, dai vem [...] porque chega numa altura que um tem que ir pra um lugar outro tem que ir pro outro mas dai vai ficando, depois no fim do dia já vai gente pra ir recolhendo tudo...”

Além disso, os homens também são os responsáveis pela parte burocrática dos negócios, como, fazer financiamento em bancos, projetos agrícolas, compra de insumos, pagamentos, entrega da produção, entre outros.

“...ocupa bastante tempo arrumar um custeio né, você tem que fazer projeto, correr pegar matrícula e análise de terra e banco, e se tu não dá em cima nos bancos eles te deixam por último, então tu tem que ir quase 2 ou 3 vezes por semana quando tu quer que sai um financiamento...”

6.5.2 Do papel das mulheres

As mulheres da família tem importância fundamental no sentido de cuidar dos lares, amparar os homens no trabalho da lavoura, principalmente em épocas de plantio e colheita, elas são as responsáveis por fazer a comida (almoço e lanches) e levar até no campo, além de dar suporte e incentivo para o crescimento dos negócios.

“as mulheres também ajudaram né porque se toca de uma fazer comida pra todos faz, se toca da outra fazer faz, as mulheres ajudam e muito nisso! Se elas começam puxar pra trás e não apoiar, e não ajudar fica mais difícil...”

“as vezes nós almoça lá na lavoura, vai a nora que dirige, então elas vão e levam lá na lavoura pra nós de meio dia o almoço, muitas vezes faz lá né, as vezes queima um gás lá no disco e faz lá, é tão bonito, é bom viu assim, é uma coisa que a gente faz porque gosta...”

É muito importante ressaltar o silêncio das mulheres que se fizeram presentes durante a entrevista. Apesar do papel incondicional que desempenham, as mulheres ainda não tem conhecimento da importância das suas vozes nesse ambiente de trabalho que ainda é considerado masculino.

6.5.3 Da divisão dos lucros

“porque nós só repartimos, vamos dizer, o dinheiro da despesa da casa, o que é de máquina é tudo junto...”

Com relação à divisão dos lucros, a família tem um acordo. Eles separam um dinheiro para as despesas da casa e o restante é depositado em uma conta da sociedade, e quando há a necessidade de um investimento maior, faz-se a retirada do valor e retira igualmente para os demais, ou seja, a divisão ocorre de forma igual.

“ah quando um falta ele já reclama, óh lá em casa não tem dinheiro (risos) graças a Deus sempre tivemos produto, vai lá, vende e faz uma partilha, até que ninguém reclama ninguém vende nada, quando falta já o outro diz, lá em casa não tem mais, então vamos arrumar o dinheiro, vai lá e fatura no preço que tiver e já reparte o dinheiro...”

“dai aquele ali que é vendido, o primeiro que termina reclama, pode ter certeza porque as vezes num mês eu tenho uma despesa extra ou outro mês o outro tem...”

“...alguma vez se um precisar antes, retira, o outro dia dali 10, 15 ou 20 dias né, mas se o XXX tira 1.000 reais, eu dentro do mês retiro também 1.000 reais, ou dois ou três é conforme a precisão.”

“leva lá no armazém e depois o dinheiro a gente dá jeito de extraviar, daí paga conta aqui, dai quando sobra, vamos dizer se precisar, vamos vender 100 sacos de soja pra repartir, dai pega o dinheiro dos 100, a metade fica pro Antônio e a metade fica pra mim, dai eu reparto com o R. e ele reparte com os dois piá dele...”

Além disso, um dos investimentos da família em prol do Condomínio (além do maquinário e demais equipamentos) foi a aquisição de um automóvel, que é de uso comum da sociedade. Esse carro está a serviço de todos, e é utilizado para atividades pertinentes aos trabalhos, idas ao banco, etc.

“...reparte uma quantia de dinheiro pra cada um, daí tu abastece o teu carro, dai vai fazer o rancho, cada um faz o rancho dele né, (é normal né?) e tem um carro que é da sociedade no caso, quando sai pra trabalhar pra coisa da sociedade tem aquele carro – todos usam...”

José e Antônio relataram ainda que investem pesado na terra:

“...nós se atiremo de bico na agricultura, investimos, pegamos a melhor semente, adubo, plantadeira toda aberta e deu certo então tamo continuando né, {e o tempo tá favorecendo} e... então investir mais não tem nem como! Por que nós já viemos no limite máximo né.. Terra bem corrigida, calcariada, adubada...”

6.6 TRAJETÓRIA DA RENDA

A seguir, serão apresentados os gráficos que contém a Composição do Produto Bruto e a Composição da Renda Total da família nos anos agrícolas 2004/2005, 2009/2010 e 2014/2015.

Os valores monetários referentes aos anos agrícolas 2004/2005 e 2009/2010 foram corrigidos a partir da série do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), disponível no site do IBGE, sendo que o índice encontrado para julho de 2005 foi de 1,761282 e para julho de 2010 foi de 1,3974851. Para análise da trajetória da renda dessa família, todas as variáveis monetárias que compõe a renda foram corrigidas.

Para contextualização do cenário agrícola, é válido ressaltar que no ano de 2005, a região Sudoeste do Paraná foi fortemente atingida por um período de

seca que influenciou de forma direta a agricultura, fazendo com que houvesse uma brusca alteração na renda total dos produtores rurais.

Através do Projeto Itapejara, foi possível observar que algumas famílias apresentaram renda total de seus estabelecimentos negativa, como consequência dessa estiagem, que é o caso da família apresentada no gráfico da Figura 2. Na sua Composição da Renda Total, a Renda Agrícola para aquele ano foi de negativo R\$ 100.437,93.



Figura 2 – Indicadores da Composição do Produto Bruto (A) e da Renda Total (B) no ano agrícola 2004/2005. Fonte: Elaborado pela autora a partir de Perondi (2007). UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

No ano anterior (2004), a família obteve bons resultados da safra de soja, e por isso, estava confiante para realizar novos investimentos, adquirindo então, trator e equipamentos novos – financiados por um prazo de 7 anos. Em 2005, além dos prejuízos da safra, os preços dos insumos agrícolas estavam elevados e ainda tinham a parcela do financiamento para pagar, além é claro, do custeio das lavouras daquele ano.

“Pra nós é tão, assim, a gente não esquece na certa disso aí. Porque nós tinha comprado os tratores em 2004 pra pagar em 2005, e cadê? O tal de soja?”

Para tentar contornar as dívidas, o produtor conseguiu refinanciar o custeio da safra para mais cinco anos. Mesmo assim, a renda agrícola da família – que é a principal fonte de renda – ficou negativa para o ano de 2005.

“Então nós não vamos esquecer disso aí nunca né, só que veio a negociação do trator, automático lá no Banco do Brasil, veio todas as negociações, foi pagado as dívidas particulares, e em banco negociado, prolongado que foi até 2014... fizeram pra 8 anos, daí deu 2 secas a fio, foi pra 10 anos daí, todo ano jogava pra frente, vamos dizer assim, aqueles financiamentos ai até foram bom, não tinha PROAGRO, não tinha... mas daí assim, o custeio eles prolongaram em 5 anos e máquina financiada era depois da última mais uma... então se era pra terminar de pagar 2012, ia pra 2013, e os custeios na época não tinha PROAGRO prolongaram 5 parcelas, ponharam 20% por ano, mas conseguimos sair...”

“O saco de adubo tinha ido até pra 110 reais o saco, noooossa! Então custo uma fortuna a roça, daí não produziu, e acumulava tudo!”

“Aquele ano... se fosse ter que pagar tudo era um desastre! Mas daí como o banco veio automático isso aí, deu certo!”

É válido ressaltar que, além da produção de grãos, naquela época a família possuía um pequeno rebanho de gado leiteiro, sendo que a renda advinda da estratégia de produção do leite foi o que salvou a família, quando esses perderam a safra de soja com a estiagem de verão. O leite é um componente da renda agrícola, e nesse sentido, a renda do leite (que era um projeto das mulheres e não tinha o apoio dos homens) foi o que tornou a renda menos negativa, além é claro, das reservas que a família possuía, e que foram então utilizadas para que esses pudessem se manter naquele período. Por isso, a atividade do leite, bem como a atuação das mulheres não deve ser menosprezada, pois para essa família, assim como para tantas outras da região Sudoeste do Paraná, naquele ano o leite foi importante para a sobrevivência na agricultura familiar.

Historicamente, o leite se faz muito presente na agricultora familiar da região Sudoeste do Paraná, seja pelos traços culturais fortemente presentes que envolvem a atividade, ou mesmo porque leite é uma garantia em situações de adversidades. A cadeia produtiva do leite é a mais importante e abrangente para a

agricultura familiar na região Sudoeste, que é considerada a maior bacia leiteira do estado do Paraná.

Diferentemente do ocorrido em 2005, no ano de 2010 os resultados de safra foram favorecidos pela distribuição normal de chuvas, o que proporcionou boa safra e colheita, além de estabilidade de mercado e bons preços agrícolas, proporcionando boas vendas ao final da safra.

Foi possível observar que a Renda Agrícola para o ano de 2010 fechou com um saldo positivo de R\$ 44.501,48, conforme apresentado na Figura 3, levando em consideração que a família ainda estava se recuperando da frustração da safra dos anos anteriores.

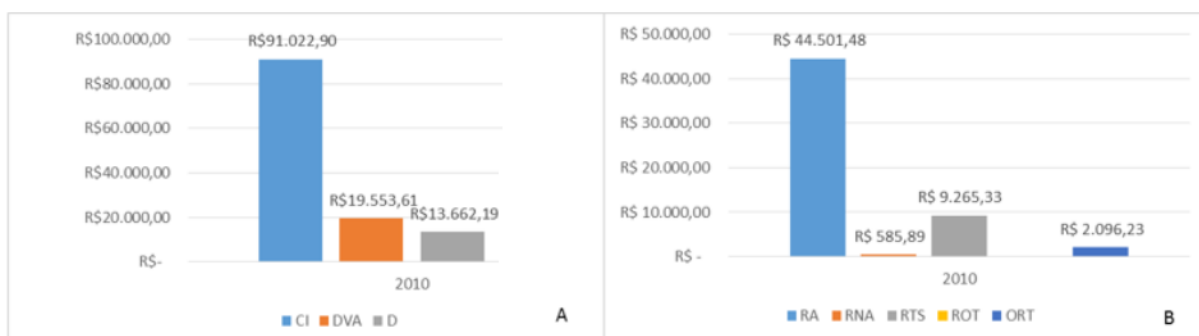


Figura 3 – Indicadores da Composição do Produto Bruto (A) e da Renda Total (B) no ano agrícola 2009/2010. Fonte: Elaborado pela autora a partir de Perondi (2013). UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

Para o ano de 2015, foi possível observar um crescimento considerável da Renda Agrícola da família, que salta para o valor de R\$ 258.056,20 (Figura 4) e isso pode ser explicado porque a família passou a exercer a sua forma de trabalho em Condomínio Rural, ou seja, o trabalho em associação, que permitiu maior racionalização no uso dos fatores de produção – maximização dos fatores terra, capital e trabalho. Sendo assim, a consequência de tudo isso reflete diretamente no aumento de renda da família. Pode-se dizer que esse fator positivo somente foi proporcionado à família porque houve a existência do Condomínio.

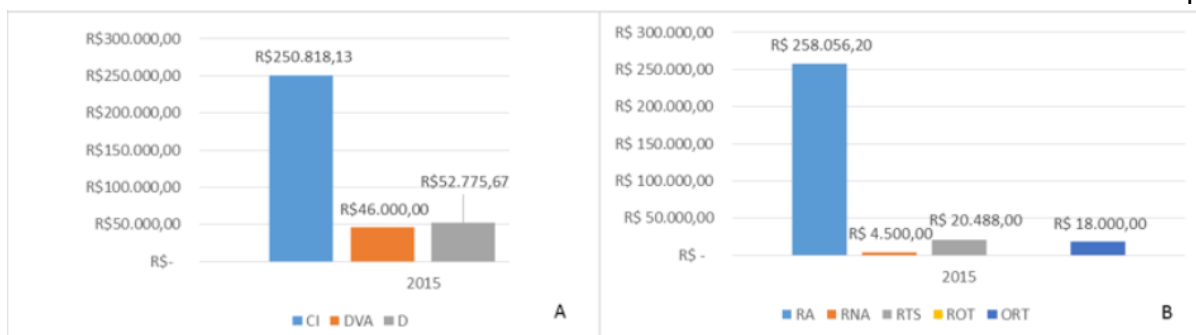


Figura 4 – Indicadores da Composição do Produto Bruto (A) e da Renda Total (B) no ano agrícola 2014/2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

Esse crescimento da renda da família ao longo dos anos atrelado ao desenvolvimento do Condomínio pode ser visualizado de maneira clara nas Figuras 5 e 6, que trazem a comparação da Composição da Renda Total e Composição do Produto Bruto nos anos 2005, 2010 e 2015, quando a Renda Agrícola (que é a principal fonte de renda da família) passa de negativo em 2005 para um saldo positivo em 2015.

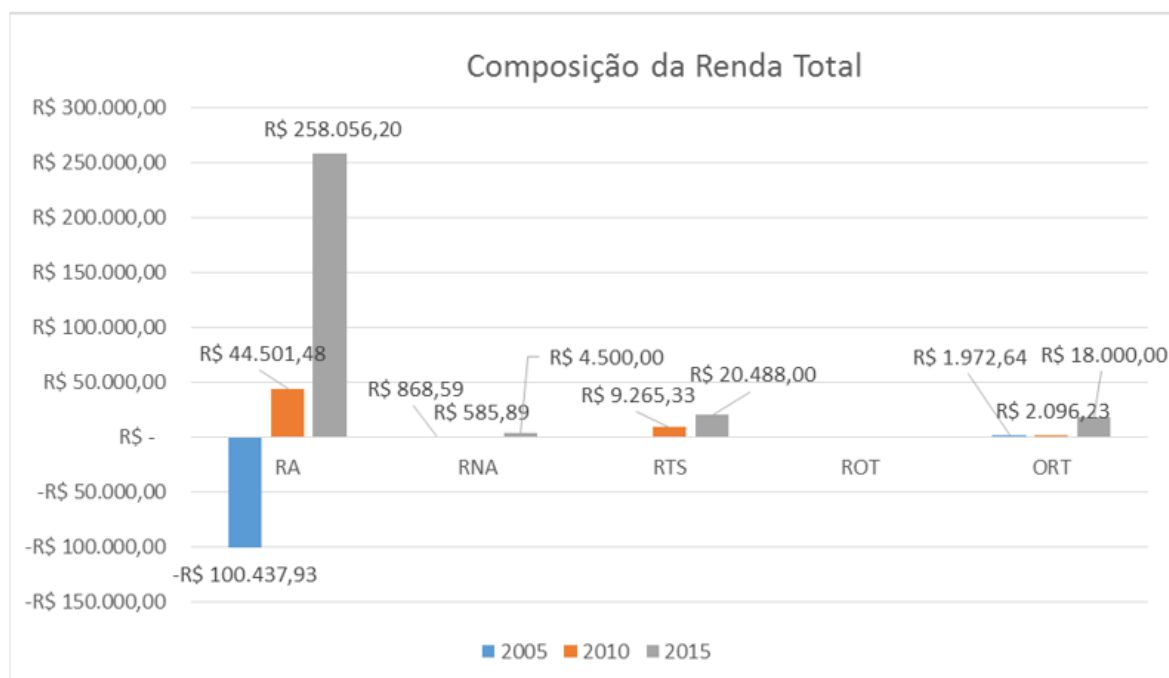


Figura 5 – Gráfico comparativo da Composição da Renda Total da família do estudo de caso nos anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

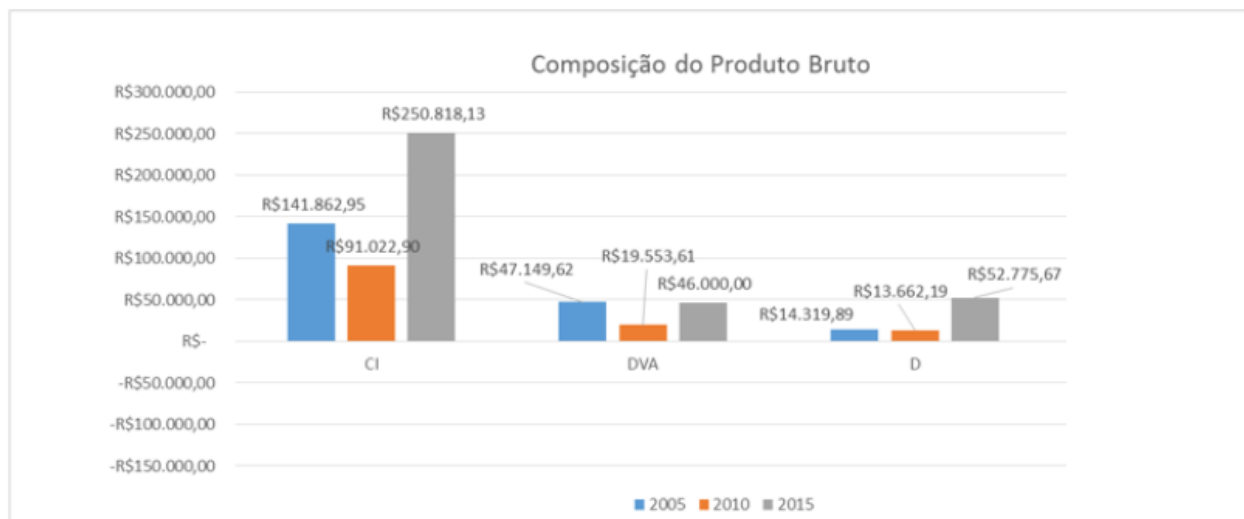


Figura 6 – Gráfico comparativo da Composição do Produto Bruto da família do estudo de caso nos anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

É possível também comparar a renda da família com a média do município (obtida através das médias das demais famílias participantes do Projeto Itapejara) ao longo dos anos 2005, 2010 e 2015.

Nos gráficos das Figuras 7, 8 e 9, observa-se a Renda Total, Renda do Trabalho e Renda Agrícola da família, comparadas com as médias do município. Para o ano de 2005, esses indicadores de renda da família ficaram bem abaixo da média do município (sendo inclusive rendas negativas para todos os indicadores). Já no ano de 2010, a família consegue se equiparar com as médias das demais famílias do município, sendo que esse período coincide com a fase de transição e instalação do Condomínio. No ano de 2015, a Renda Total, Renda do Trabalho e Renda Agrícola da família superam as expectativas, e com o Condomínio já consolidado, essas rendas são muito superiores às médias do município.

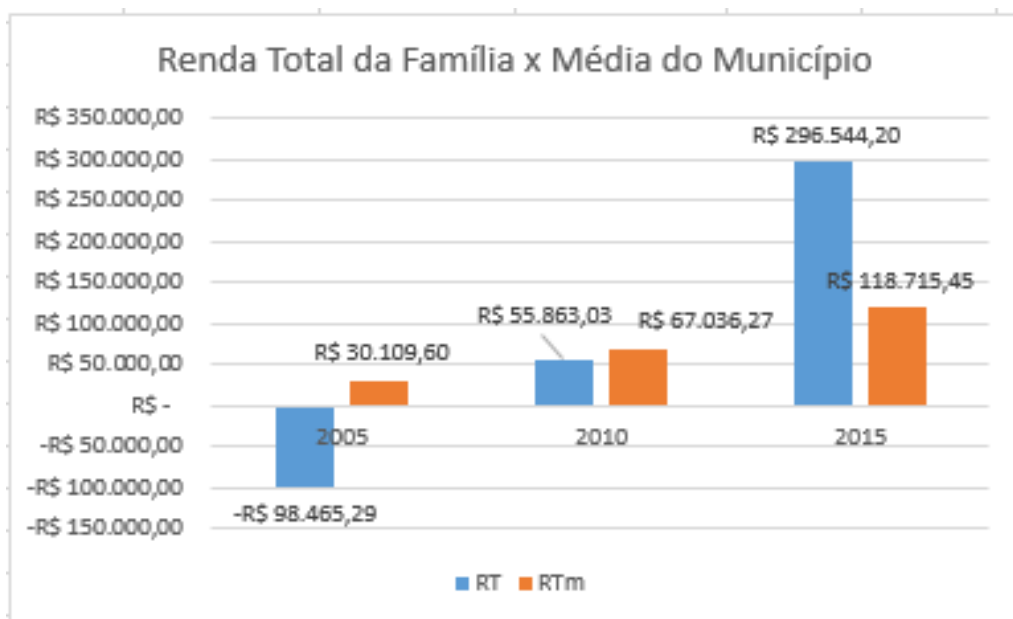


Figura 7 – Comparação da Renda Total da Família com a média do município para os anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

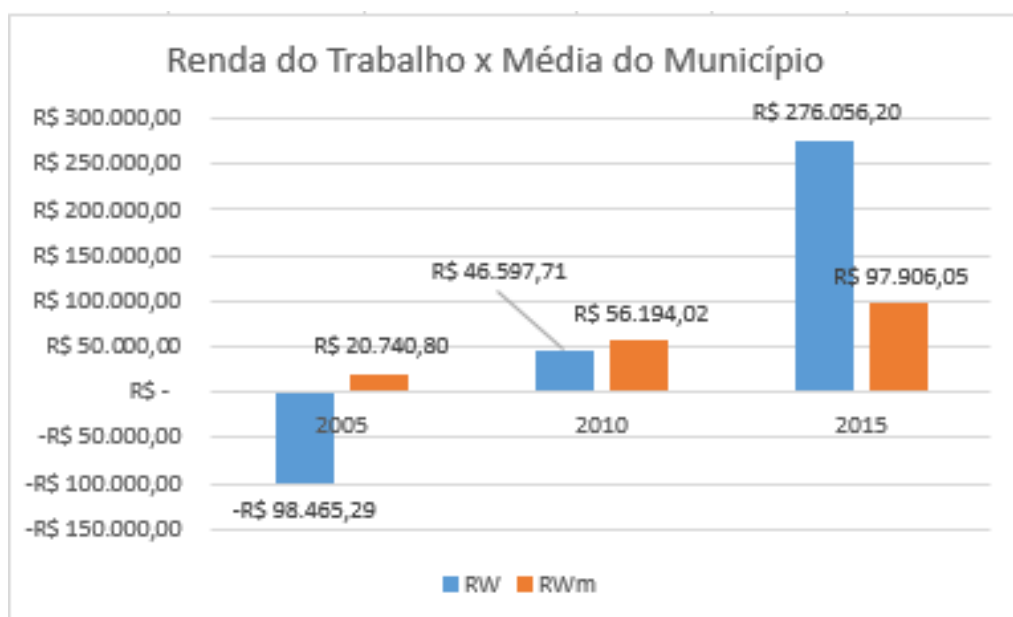


Figura 8 – Comparação da Renda do Trabalho (RW) da Família com a média do município para os anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

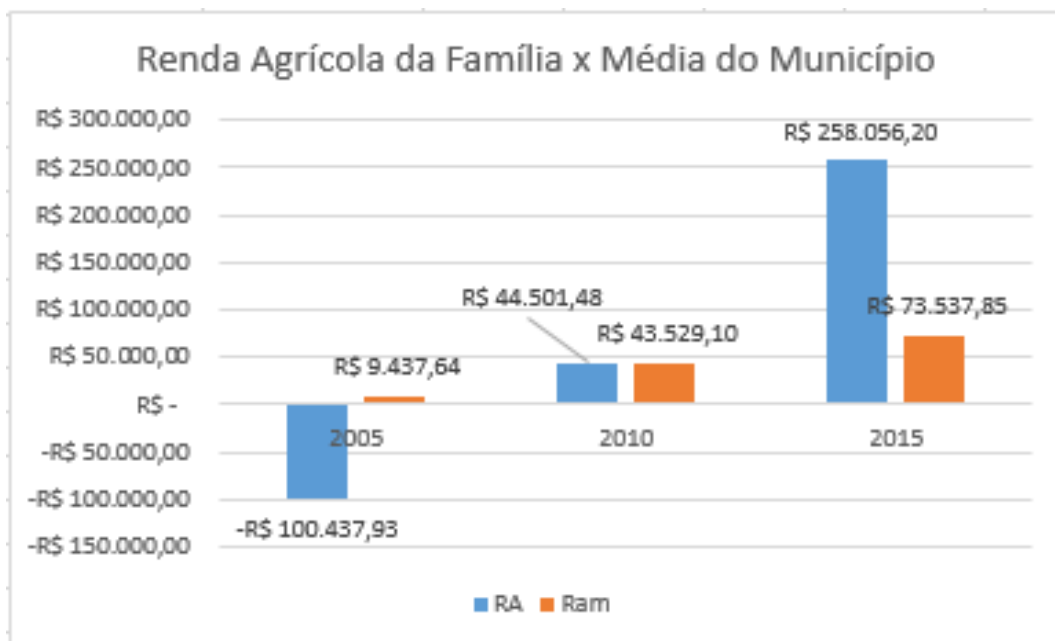


Figura 9 – Comparação da Renda Agrícola da Família com a média do município para os anos 2005, 2010 e 2015. Fonte: Elaborado pela autora a partir de investigação a campo. UTFPR, Campus Pato Branco, 2016.

Reagindo criativamente na construção de uma nova forma de trabalho em conjunto, a família adaptou-se e construiu uma ‘novidade’ mudando a estratégia e conseqüentemente a trajetória de vida, alcançando a inserção no mercado de maneira diferente daquela que vinha sendo exercida e a melhoria da qualidade de vida dos participantes.

Nesse sentido, os dados comprovam que a novidade organizacional gestada pela família – que é o Condomínio – proporcionou, além de tantos outros benefícios, o aumento da renda familiar.

6.7 SUCESSÃO GERACIONAL

“Os 3 são de confiança... planejam certo, sei lá... parece que, ter certeza que não dá errado o que eles planejam.”

A sucessão geracional é um processo que já vem acontecendo na família, ou seja, os progenitores e os sucessores trabalham juntos, sendo que os sucessores estão sendo preparados para dar continuidade na atividade e assumir os negócios da família.

O processo de sucessão geracional, além de surgir como uma necessidade, foi fundamental para a decisão do Condomínio, pois fez fortalecer ainda mais a confiança no trabalho e a ideia de que todo patrimônio construído ficará para a família. Isso, de certa forma, já é uma grande motivação para o crescimento do empreendimento.

José e Antônio foram questionados se os sucessores idealizaram algum novo processo dentro do Condomínio, e eles responderam que estão sempre abertos e receptivos para quaisquer sugestões que possam partir dos filhos, mas como atuam apenas com a produção de grãos e já realizam investimentos altos com essa atividade, logo, não há nenhum novo processo que foi idealizado pelos sucessores, embora esses sejam exigentes nos investimentos da lavoura e compra de maquinários.

“ah eles sempre querem, tipo essa plantadeira que tá em caminho ali, é eles que quiseram, na verdade eles pedem, daí a gente como vê que eles trabalham, se esforçam concordamos, então vamos comprar!”

Dentre os motivos que levaram os sucessores a permanecer na atividade rural, José e Antônio responderam que o primordial foi o maquinário, e segundo que os filhos (primos e irmãos) tem uma ligação afetiva muito forte entre eles e os pais, e ainda tem liberdade e autonomia no serviço, ou seja, puderam trabalhar do jeito deles, sob a tutela de seus pais mas sem a interferência.

“99% é porque tem máquina (risos) esse que é o segredo. E também gostar dos pais, porque se vê que eles amam os pais deles, a liberdade que nós damos pra eles, a autonomia deles trabalhar do jeito deles, essas coisas ai né... máquina boa que eles exigiram e nós compramos, e nós demos liberdade e

autonomia pra eles fazer a escolha... e o que precisa eles fazem então.. e nós fizemos isso porque vimos que eles são bons, trabalham certo, não gastam mal nada, tudo muito certo e eles, não sei se você sabe né, nós dois somos irmãos e as duas mães também são irmãs, então eles são muito parentes né, eles são quase irmãos! Só tem um motivo pra dar certo né porque até as ideias eu acho que ta tudo igual, então... eles pensam igual e dá certo! E os 3 gostam de roça, de agricultura né... sempre eles gostaram, a vida inteira, mamavam na teta e encima do trator (risos) o meu mais novo ia dormir pequenininho assim em cima do trator, com 2, 3 anos por ai ele já ia cochilar lá em cima de tanto que gostava, eles não querem sair de cima..."

Nesse sentido, foram questionados se o fator investimento (máquinas, terra, adubação, semente e demais insumos) influenciou na decisão dos filhos em permanecer e eles responderam: *"Com certeza! Aah sim..."*

Foram ainda questionados se acreditam que o interesse está relacionado aos investimentos (caso não houvesse investimento e crescimento, não haveria interesse por parte dos filhos em permanecer) e eles nos responderam que acreditam no fato desses dois fatores estarem relacionados, e ainda acrescentaram que se fosse realizado o trabalho braçal, sem condições de investir ou os pais não tivessem dado oportunidade não haveria interesse, que conhecem outros casos e isso se confirma.

Perguntou-se então se os filhos dos sucessores já demonstram interesse em dar continuidade ao trabalho dos pais. Felizes, José e Antônio responderam que sim, que já percebem o interesse por parte dos netos e o gosto pela atividade rural.

"...mas é certeza que sim né! Porque os filhos são muito chegados, gostam muito disso, com certeza os netos vão vim do mesmo... e é bom! É bom ter roça, ter terra é... a melhor coisa do mundo! (risos) pra nós é!"

Foram indagados sobre como é a relação do trabalho entre as gerações da família, e eles responderam que isso advém do tempo do avô, desde a época que a família saiu do Rio Grande do Sul, depois vieram para Santa Catarina e em seguida ao Paraná, se inserindo no ramo agrícola da região, colocando seus filhos trabalharem sempre juntos e isso perdurou.

“a gente pensou e pensa né que é... a solução pra nossa gente é fazer isso... de tanto que a gente gosta, não tem nem como dizer, que não ia tocar nesse ramo, e... quando tu se conversa assim tu puxa no tempo do nono que era bem sofrido e veio e fomos, ele começou a mudança das coisas e dai nós continuamos e agora já praticamente é os filhos que tão... [...] então a gente acha que ele ensinou nós trabalhar junto e junto e junto e com ele e foi o que nós escolhemos pra seguir... essa carreira mesmo assim, de levar nossos filhos e netos e...”

Na fala dos atores sociais quanto ao trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo dos anos em conjunto, fica claro que essa família possui uma identidade cultural com a tradição do minorato na sucessão geracional típica das famílias italianas do Sul do Brasil.

Em outra oportunidade, o filho de José também respondeu que vê futuro para sua família nessa atividade, pois o mesmo pretende dar continuidade ao trabalho do pai e ainda se refere a agricultura como sendo a base da renda da família.

Por fim, quando questionados se depositam confiança nos filhos, José e Antônio prontamente responderam que sim, confiam 100% e ainda os elogiaram: *“Os 3 são de confiança... planejam certo, sei lá... parece que, ter certeza que não dá errado o que eles planejam.”*

Nesse sentido, a família construiu uma novidade organizacional e com ela vieram outros fatores que corroboram com o sucesso do empreendimento. Como consequência do estabelecimento do Condomínio, aumentaram as exigências em investimentos, o que proporcionou maior interesse dos filhos em permanecer na

atividade. Logo, essa novidade está diretamente relacionada com a sucessão geracional, e é responsável pelo acontecimento desse processo.

Sendo assim, a grande novidade gestada pela família que acabou por envolver os jovens sucessores é o Condomínio, e a sucessão geracional é um dos resultados dessa novidade.

Por sua vez, outros fatores também explicam a sucessão geracional que acontece no estudo de caso. Além do próprio Condomínio, o contexto das *commodities* agrícolas nos últimos 10 anos, o contexto das políticas públicas de incentivo e financiamentos agrícolas que permitiram o acesso à mecanização e tecnologias, o contexto da Renda de Transferências Sociais (RTS) que surge no histórico de renda da família, ainda que esses que recebem a renda da aposentadoria estejam em idade produtiva, e tantos outros aspectos que contribuíram para que a sucessão geracional pudesse acontecer, pois tudo isso abriu espaço para que os jovens pudessem se inserir nas atividades.

6.8 RESULTADOS DO CONDOMÍNIO

Com relação aos resultados do Condomínio – sucessão, renda, trabalho, capital, conhecimento, dentre outros fatores – a família foi indagada e os mesmos comentaram alguns aspectos.

A Família entrevistada constatou que o investimento feito, tanto no que tange ao Condomínio, quanto às coisas nele investidas, deram certo, porém, foram arriscadas, mas que valeu a pena todo o esforço, pelo fato da confiança, determinação e força de vontade, que geraram bons resultados.

“é veio vindo tudo foi acontecendo assim tudo, é tem que agradecer a Deus né que tudo deu certo e pedir ainda pra continuar dando sempre e... aquela confiança entre irmãos, sobrinhos, filhos... vamos dizer tanto faz manda o sobrinho que nem manda um filho, ou um irmão, tanto dum lado que do outro, (risos) todo mundo tem a confiança de um manda o outro né e conseguimos assim, não dá pra se queixar! Dizer que tá ruim também não dá né! Mas vamos continuar insistindo, mas com a benção de Deus.”

“E foi arriscado bastante coisa, que umas vezes ali eu fiz um pedido de uma máquina e eu disse: Meu Deus e esse CPF será que vai continuar limpo? (risos) e até hoje tá limpo! (risos) – é mas ficou umas par de noite sem dormir... que preocupa, preocupa!”

Foram questionados acerca do preço dos insumos, e responderam que a agricultura é um ramo muito bom, porém muito instável e imprevisível. Sendo assim, é muito complicado que as vendas tornem-se homogêneas ao longo dos anos, com apenas acertos e lucros, em comparativo. Isso por que, algum ano, pode-se acertar em vender antes, e o preço não aumentar mais, porém pode errar em vender depois, num valor muito abaixo do já cotado naquele ínterim.

“A gente erra bastante em venda! Venda, venda... o ano que a gente deixa pra vender no dia que vence, abaixa! Se você vende antes dai aumenta, difícil de acertar! Não tem como prever! Deixou de ganha, deixou e pronto! Não adianta ficar lamentando...”

“É difícil de acertar mesmo 100% mas alguma coisa... Mas tá dando certo, final da safra ali se vencer pagar o que se comprou, estamos vencendo pagar as dívidas e todos os anos estamos fazendo bastante dívida! (risos) já que dá de pagar vamos fazendo!”

José e Antônio foram questionados acerca da satisfação ou não de trabalhar em Condomínio, bem como os aspectos positivos ou vantagens e negativos ou desvantagens do Condomínio. Eles responderam que a felicidade é que podem estar trabalhando com pessoas que confiam, pessoas da família e que se dão bem, sendo assim, não há tristeza que possa desmotivá-los, ou desvantagem.

“ah de felicidade é bem fácil de responder né, porque trabalhar junto com o mano, com os sobrinhos, com a cunhada, com a nora, com o filho, eu acho que é tão, assim... tão bom né, tão gostoso porque a gente se conta, tudo funciona certo, a voz é a mesma, a conversa é a mesma, tu tá conversando o assunto é o mesmo, então eu pra mim é vantagem tá junto assim...”

Ressaltaram ainda que não existe desvantagens acerca do Condomínio, e mais salutar é que os entrevistados ainda acham, que se não fosse pelo Condomínio, eles não poderiam ter a porção de terra que possuem.

“Desvantagem não tem na verdade! Pra tu fazer uma sociedade com quem dá certo, desvantagem não tem! A gente não sabe se vai ser a vida inteira assim porque ninguém sabe né, mas vamos dizer, o dia que nós se desmanchar vai

estar melhor do que o dia que nós fizemos. Porque se unimos, conseguimos progredir mais – que eu tava somando nós compramos 30 alqueires em sociedade, será que se fosse sozinho teria conseguido comprar? Vamos dizer, não conseguia! E na minha opinião, 15 eu não conseguia comprar... porque a terra ta muito valiosa né, e dai como é junto a turma insiste pra negociar com nós, que parece que eles confiam na gente, e todo ano é gente oferecendo, falta dinheiro sempre porque querem vender e vender e vender...”

Foram também questionados da possibilidade de migração do rural para a cidade, e os mesmos afirmaram que não há interesse de migrar, exceto o irmão mais velho (José), o único que saiu em função do falecimento do pai, mas que mesmo morando na cidade trabalha no Condomínio, tendo em vista que a casa fica a poucos quilômetros da propriedade. Dos demais, nenhum tem vontade de sair dali.

“é isso foi também pelo falecimento do pai né, a mãe estava sozinha, mas pensa que eu não pensei em voltar, fazer a casa ali e vim de volta? Mas no fim, fiquei idoso na verdade, lá também não tá ruim né, e a gente participa aqui, vem trabalhar aqui tão pertinho, dá 3 km de asfalto né, tá sempre ali... eu acho que dos outros, acho que não.”

“Então eles querem morar aqui, mesmo que tem as crianças pra estudar mas... hoje tem os ônibus né, que passam, dai nós compramos um pedacinho aí que tem uma casa né, uma sede [...] ficamos tudo engrupado, tudo junto!”

6.9 PERSPECTIVAS DE FUTURO

Com relação às perspectivas de futuro, foram questionados acerca da pretensão em expandir o “negócio”. Eles responderam que, em termos de propriedade e maquinário, a pretensão é sempre crescer, trocar as máquinas para

manter uma frota sempre nova, evitando despesas com manutenção, e ainda realizar aquisição de terras, tudo isso tendo em vista o bom juro agrícola, analisando com cautela para saldar as dívidas já concebidas, para posteriormente fazer novas dívidas a título de investimento.

“Com certeza! A ideia é essa, sempre comprar né... comprar mais terra. Sempre crescer... E as máquinas vai sempre trocando né, porque querendo ou não ficam velhas, dá problema né, ou quer pegar uma maior, então vai trocando [...]”

“A manutenção é caro, muito caro! Olha se a gente se bobeia um pouco, um trator depois de velho, tu gasta em manutenção o dinheiro da parcela. Só que o que tá ruim é de vender eles. Ninguém quer também. Todo mundo tá comprando novo. O juro agrícola é um juro que dá de investir.”

“Vai vender pra quê? Deixa aí (risos) se aproveita mais! Que ele sempre ajuda! Nós temos um trator de porte de 100cv que não precisa vender na verdade, tem utilidade, você usa ele em qualquer implemento quase, usamos ele continuo assim, não estamos quase vendendo máquina usada porque, é a realidade, tu vende, e é difícil de receber, recebe uma parcela, duas e depois desaparece os devedores...”

Esse relato confirma a importância das políticas públicas para a agricultura familiar na região Sudoeste do Paraná. Nos últimos anos, essas políticas de investimentos facilitados pelo acesso ao crédito rural vem incentivando a compra de maquinários e equipamentos, fazendo com que, mesmo os pequenos produtores possam investir em tecnologias.

Por fim, foram questionados acerca do futuro, sobre uma perspectiva do que imaginam atuar daqui a 10 anos, e eles responderam que a sociedade continuará firme e o crescimento também notório, tendo em vista a previsão sempre de ascensão.

“Eu acho que vai estar a sociedade, daqui 10 anos vai tá andando ainda, eu penso assim... e financeiro deve estar melhor do que hoje daqui 10 anos, dai porque, se a gente viu que cresceu que ta dando certo né, continua...”

Foi então aberto para que os mesmos pudessem dar seus esclarecimentos, expectativas e comentários finais, e disseram que esperam estar com saúde, eles e seus descendentes para que cada vez mais possam crescer e expandir seus negócios. Disseram ainda que pretendem permanecer atuando na região, investindo nas terras, adquirindo novas áreas, mas sem precisar ir pra longe para não haver um desmembramento e divisão nos cuidados das propriedades e nas pessoas, pois, segundo eles, é uma perda, um enfraquecimento dividir-se.

“Longe é inviável porque, divide, vamos dizer. E dividindo já perde forças, desde dividir máquina, tu começa tirar metade daqui pra ir pra outro lugar, fica desarmado lá, e desarmado aqui, e assim... vamos teimando por aqui por enquanto...”

Continuaram dizendo que para ficar idoso, nada melhor que ainda poder cuidar de suas coisas, se sentir útil e não cair na mesmice de achar-se imprestável e tomar um rumo monótono.

Terminaram a entrevista contando que um conhecido, falou que o seu maior sonho era poder ser contemplado em algum concurso para poder comprar uma terra, com mato, água... Fato que a família entrevistada já tem e cuida para não perder. Em contraponto da pessoa que disse isso, pois, aquele que tinha sonho de ser contemplado, já havia tido terra e boas condições de crescimento, porém, abandonou tudo para estar sempre com coisas que o desvirtuaram do labor, como bares, bebidas, jogatinas, e que isso não faz ninguém crescer.

“Eu vou contar uma que, outro dia aquele tio que gosta de ir na bodega falou, tava eu e mais um: eu tenho um sonho de ganha uma megasena, eu quero

comprar uma terra, que tem mato, tem rio, tem açude, e tenha lavoura. E vim pra casa e fiquei pensando... né? Ele quer ganhar Mega-Sena pra comprar isso ali... e nós temos! Então nós já temos a Mega-Sena! Nós temos a terra, temos o mato, temos o rio, temos os açudes... (risos) Ma tu veja a ideia né... e ele teve terra também, nós até temos parte da terra que ele tinha, nós compramos, e era bom o terreninho dele... se eles lutavam ali podia ser de um só, tranquilamente, se tivessem ficado... mas eu não desprezo quem vai na bodega, mas eles iam bastante! Dava uma garoa, era 'pentia' o cabelo e ir pra cidade, era bodega! Comer galeto e tomar cerveja! (risos) e jogar baralho!"

6.10 NOVIDADE

A partir dessa nova forma de organização do trabalho – a novidade organizacional que para essa família do estudo de caso é o Condomínio – derivam outros fatores importantes para a sobrevivência e decisão de permanência desse grupo na atividade de produção de grãos. Por mais que essa novidade tenha surgido em meio a tantas dificuldades e de maneira natural, a mesma vem a calhar no sentido de enfrentar os desafios e revolucionar a forma de trabalho dessa família, trazendo aspectos vantajosos que são resultados ou consequências dessa novidade.

Através da novidade, a família alcançou inúmeros benefícios, como o aumento da renda por meio da gestão em associação, trabalhando em conjunto com os familiares (mão de obra), usufruindo dos bens comuns (terra, máquinas e equipamentos) aliado a questão da sucessão geracional que se resolve. Nesse sentido, é possível explicar a estreita relação do Condomínio com a sucessão geracional, e de fato, a sua importância.

Além da melhoria da qualidade de vida, aumento de renda, e a permanência dos jovens no campo, outro resultado da novidade é o associativismo rural, que se deu por meio do aumento de capital social nessa família.

7 CONCLUSÕES

Ante o exposto, concluiu-se que o caso estudado, situado na região Sudoeste do Paraná, teve uma grande vantagem econômica e laboral na composição do Condomínio, além da melhoria da qualidade de vida proporcionada aos participantes.

Isso tudo, por que a unificação das famílias propiciou melhores condições de trabalho – pois maximizou os processos com maior disponibilidade de terra, capital e mão de obra – ademais, sendo notória que a confiança e a satisfação pelo trabalho em família facilitou o desenvolvimento das propriedades e da sociedade em um sentido amplo.

Sendo assim, o caso supracitado – que deu certo em vários sentidos – poderá servir de exemplo para demais famílias que queiram potencializar o desenvolvimento de capital, terra e trabalho da propriedade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Condomínio é a grande novidade gestada pela família que acabou por envolver os jovens sucessores.

Isso se explica, em resumo, numa relação de causa e consequência: pode-se afirmar que a novidade organizacional gestada pela família é a causa – o Condomínio. A gestão em associação, que nesse caso também é o Condomínio, tornou-se um meio para alcançar os fins desejados. Finalmente, entende-se que a sucessão geracional é o efeito de todo o processo, ou seja, o resultado ou consequência da novidade, pois no momento em que o Condomínio contemplou o projeto dos jovens, o mesmo conseguiu envolver esses jovens no Condomínio, fazendo com que esses optassem por permanecer, ocorrendo então a sucessão.

Além disso, é possível observar a fase de transição da organização familiar no trabalho, que coincide com a fase de melhoria satisfatória da renda, ou seja, quando o Condomínio está sendo instalado. Fica clara a diferença econômica que o Condomínio atingiu, comparando-se as médias da renda da família com a média do município, sendo essa diferença abaixo da média em 2005 e acima da média em 2015.

Dentre tantos aspectos observados ao longo desse estudo de caso, é válido ressaltar o silêncio das mulheres durante o estudo focal. Esse silêncio talvez possa significar uma fala escondida acerca da percepção das mulheres quanto às atividades desenvolvidas, além do projeto individual e feminino de produção de leite que foi derrotado perante o contexto do processo de estabelecimento do Condomínio (descrito a seguir):

(a) O condomínio possui uma identidade cultural com a tradição do minorato na sucessão geracional típica das famílias italianas do Sul do Brasil, e isso se confirma através de Putnam (1996), que por meio de uma visão culturalista, afirma que o capital social é consequência de uma lenta acumulação histórica, formado através de experiências coletivas;

(b) existe um contexto de valorização das *commodities* de grãos nos últimos 10 anos, que pode ser observado ao longo do processo de instalação do

Condomínio. Essa valorização das *commodities* agrícolas envolve preços de mercado, investimentos em tecnologias e aumento da produtividade, que resultam em consequente aumento dos ganhos;

(c) existe um contexto de políticas agrícolas que reduzem o risco das *commodities* ao assegurar o PROAGRO para agricultores familiares e permitir a securitização das dívidas agrícolas, além das políticas públicas de incentivo e acesso ao crédito, que permitiu que a família consolidasse essa estratégia;

(d) o contexto das transferências sociais que permitiu que o casal mais idoso se aposentasse rapidamente ao alcançar 60 anos de idade, mesmo ainda que fossem ativos economicamente no condomínio.

Tudo isso, fez com que o projeto individualista do leite fosse deixado de lado em favor da estratégia de produção de grãos e resultou ainda no acontecimento da sucessão geracional, pois abriu espaço para os jovens atuarem nas atividades.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Editora Hucitec, Rio de Janeiro: ANPOCS, Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ABRAMOVAY, Ricardo; BALDISSERA, Ivan Tadeu.; CORTINA, Nelson; FERRARI, Dilvan; SILVESTRO, Milton e TESTA, Vilson Marcos - **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. UNESCO, 1998.

ALENCAR, Edgard. **Associativismo rural e participação**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1997.

BRAGA, Gustavo Bastos; FIÚZA, Ana Louise Carvalho; PINTO, Neide Maria Almeida. Padrões de consumo no campo: O modo de vida dos rurais brasileiros. **Revista de Extensão e Estudos Rurais | REVER**, Viçosa, v.4, n.1, p.56-73 Jan./Jun. 2015.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa G. de. (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-51.

BRUMER, A.; SPANEVELLO, R. M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS; Chapeco: FETRAF-Sul-CUT, 2008. Relatório de Pesquisa.

CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 252-280.

DURKHEIM, É. **L 'éducation morale**. Paris: Librairie Félix Alcan, 2002.

FRAGA, Alysson de Paula Cavalcante. **Curso de Associativismo do Projeto de Educação Ambiental do Campo de Polvo (PEA-CP)**. Setembro/2012. Atividade de Produção de Petróleo no Campo de Polvo. Região 05 – Bacia de Campos / Processo IBAMA nº 02022.010661/04.

FAO/INCRA – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação / Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Guia Metodológico “Análise Diagnóstico de Sistemas Agrários” (DSA)**. (1999)

GAZOLLA, Marcio. **Atores sociais e novidades na agroindústria familiar rural: avançando no debate sobre os seus mercados**. In: 6º Encontro de Economia

Gaúcha, 2012, Porto Alegre. 5 Encontro de Economia Gaúcha. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2012. v. 1. p. 1-30.

GAZOLLA, Marcio. Enfoques teóricos em tecnologia e inovação: aplicações aos estudos em desenvolvimento rural. In: Conterato, M. A.; Radomsky, G. F. W.; Schneider, S. (Org). **Pesquisa em Desenvolvimento Rural – Aportes Teóricos e proposições metodológicas**. Ed UFRGS, Porto Alegre, 2014. v.1, Cap. VII, p. 135-152.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sérgio. Conhecimentos, produção de novidades e transições sociotécnicas nas agroindústrias familiares. **Organizações Rurais & Agroindustriais – Revista Eletrônica de Administração da UFLA**, Lavras, v.17, n.2, p.179-194, 2015.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35. n. 2, p. 57-63, 1995

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE cidades**. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411120> > Acesso em 17 de março de 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Guia Metodológico** – Análise Diagnóstica de Sistemas Agrários. Brasília, 2011. Disponível em <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/analise-balanco-ediagnosticos/guia_metodologico.pdf > Acesso em 17 de março de 2015.

KAGEYAMA, A. Desenvolvimento rural: conceito e medida. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 21, n. 3, p. 379–408, 2004.

KISCHENER, Manoel Adir. **A sucessão geracional na agricultura familiar num contexto de mercantilização e modernização: um estudo em duas comunidades do Sudoeste do Paraná**. 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR.

KIYOTA, Norma; PERONDI, Miguel A. **Migração e sucessão geracional na agricultura familiar sob a perspectiva de comunidade e renda**. In: CONGRESSO DA SOBER, 52º, 2014, Goiânia, GO. Anais... Goiânia, UFG, 2014a.

KIYOTA, Norma; PERONDI, Miguel A. Sucessão geracional na agricultura familiar. Uma questão de renda? In: BUAINAIN, Antônio M. et al. (Editores técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014b, p. 1011-1045.

KIYOTA, Norma; PERONDI, Miguel Angelo; VIEIRA, José Antonio Nunes. Estratégia De Sucessão Geracional Na Agricultura Familiar: O Caso Do Condomínio Pizzolato. **Informe Gepec**, Toledo, v.16, nº1, p. 192-211, 2012.

LIMA, A. P. de; BASSO, N.; NEUMANN, P. S.; SANTOS, A. C. dos; MÜLLER, A. G. **Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995, 175p.

LOBLEY, M.; BAKER, J. R.; WHITEHEAD, I. **Farm succession and retirement: some international comparisons**. *Jornal of Agriculture, Food Systems and Community Development*, Ithaca, v. 1, n. 1, Aug. 2010.

MENEGUCE, Beatriz; VIEIRA, José Antonio; FRANCESCHL, Lucia; LOVATO, Luiz Francisco; MIRANDA, Márcio. **A União de Famílias de Agricultores na Busca de maior Renda e Melhor Qualidade de Vida – O Caso Do Condomínios dos Pizzolato no sudoeste do Paraná**. In: VII Congresso Brasileiro de Sistemas de Produção, Fortaleza, 2007.

MARSDEN, T. **The condition of rural sustainability**. Wageningen (Netherlands): Van Gorcum, 2003, 267 p.

MEDEIROS, Monique; CHARÃO, Flávia Marques. Interfaces e transformações de práticas e conhecimentos na agricultura: um ensaio bibliográfico sobre a emergência das novidades. **Revista Ideias – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**. v.5, n.1, p. 66-90, 2011.

MELLO, Márcio Antonio; SCHNEIDER, Sergio. A produção de 'novidades' como alternativa à crise pelos agricultores do Oeste de Santa Catarina. **Desafio Online**, Campo Grande, v.1, n.III, art.1, Set/Dez 2013. Disponível em <<http://www.desafioonline.com.br/publicações>>

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – MAPA (2016). Acesso em 15 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/cooperativismo-associativismo/associativismo-rural>>

OOSTINDIE, H., & van BROEKHUOZEN, R. (2008). **The dynamic of novelty production**. In J. D. van der Ploeg & T. Marsden (Eds.), *Unfolding webs: The dynamics of regional rural development* (262pp.). Assen: Van Gorgum.

PERONDI, Miguel Angelo. **Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar**. 2007. 237p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS, Porto Alegre.

PERONDI, Miguel Angelo. **Estratégias de diversificação dos meios de vida dos agricultores familiares do município de Itapejara do Oeste (PR) 2005-2010**. Edital Universal CNPq482758/2011-2 Relatório de Pesquisa, 2013.

PERONDI, Miguel Angelo; BIAVA, Jhuly Caroline; KIYOTA, Norma; VILLWOCK, Ana Paula S. **As estratégias de diversificação e especialização da renda rural frente as categorias de alta e baixa renda**. In: 53º CONGRESSO DA SOBER – Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – 2015. João Pessoa – Paraíba.

PERONDI, M. A.; DUQUE, G.; PIRAUX, M.; KIYOTA, N.; DINIZ, P. C. O.; NUNES, S. P. Gestão Social da água: Análise comparativa entre o caso do Polo Sindical da Borborema (PB) e a Associação do Centro de Educação Sindical (PR). Capítulo V. p.91-113. In: SCHNEIDER, Sergio; MENEZES, Marilda; SILVA, Aldenor Gomes da; BEZERRA, Islandia (Orgs.). **Sementes e brotos da Transição: inovação, poder e desenvolvimento em áreas rurais**. Porto Alegre – RS. Editora da UFRGS. 2014. 240 p.

PLOEG, J. D. van der. **The virtual farmer: past, present and future of the Dutch peasantry**. Royal Van Gorgum: Netherlands. 408p., 2003.

PLOEG, J. D. van der and RENTING, H. Impact and potential: a comparative review of European Rural development practices. **Sociologia Ruralis**. v. 40, n. 4, 2000a, 529-543.

PLOEG, J. D. van der; RENTING, H.; BRUNORI, G.; KNICKEL, J. M.; MARSDEN, T.; ROEST, K.; SEVILHA-GUSMAN, E.; VENTURA, F. Rural development: from practices and policies towards theory. **Sociologia Ruralis**, Netherlands, v. 40, n. 4, October, 2000b, pp. 391-408.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. 260p.

RICHARDSON, R. J et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAVIAN, Moisés. Sucessão geracional: garantindo-se renda continuaremos a ter agricultura familiar? **Revista Espaço Acadêmico** – 159 – mensal – agosto de 2014. P. 97-106.

SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio. (2015) **Seeds and Sprouts of Rural Development: Innovations and Nested Markets in Small Scale On-Farm Processing by Family Farmers in South Brazil**, in Pierluigi Milone , Flaminia Ventura , Jingzhong Ye (ed.) *Constructing a New Framework for Rural Development (Research in Rural Sociology and Development, Volume 22)* Emerald Group Publishing Limited, pp.127 – 15

STROPASOLAS, Valmir L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Agriculturas**, v. 8, n. 1, p. 26-29, mar./2011.

ULRICH-SCHAD, J. D.; HENLY, M.; SAFFORD, T. G. The role of community assessments, place and Great Recession in the Migration Intentions of Rural Americans. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 78, n. 3, p. 371-398, Sept. 2013.

VILLWOCK, Ana Paula Schervinski; **As estratégias de renda dos agricultores familiares de Itapejara d'Oeste nos anos 2005 e 2010**. 2015. 127p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, UTFPR, Pato Branco, 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. “Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro”. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp.21-33.

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada / grupo focal.....	71
--	-----------

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada / grupo focal.

IDEIA

1. Descreva como era a vida e o trabalho antes do Condomínio? Quais atividades existiam?
2. Qual foi a vivência de trabalho em Condomínio?
3. Quem idealizou ou tomou a iniciativa do trabalho em conjunto?
4. O que levou a fazer essa escolha?
5. Tem conhecimento de alguma outra família que trabalha em Condomínio? Isso influenciou na decisão de trabalhar em conjunto?

OPERACIONAL

6. Qual a abrangência do Condomínio? Quem? Quanto? O que? Como?
7. Quais tarefas usuais são divididas? Como dividem?
8. Quais os papéis desempenhados por cada um (mulheres, jovens e homens)?
9. Algum dos participantes desempenha atividades agrícolas ou não agrícolas fora do Condomínio?
10. Qual atividade(s) é (são) particular(es) para cada família?

SUCCESSÃO

11. Os sucessores idealizaram algum novo processo?
12. Quais motivos levaram os sucessores a permanecer na atividade rural?
13. Os filhos dos sucessores já demonstram interesse em dar continuidade ao trabalho dos pais?
14. Como é a relação do trabalho entre as gerações da família?

RESULTADOS (Sucessão, renda, trabalho, capital e conhecimento)

15. Comente aspectos positivos/vantajosos e negativos/desvantagem com respeito ao Condomínio! O que lhes traz satisfação/felicidade?
16. Existe perspectiva de haver migração do rural na família? Porque?

PERSPECTIVAS DE FUTURO

17. Pretendem expandir o “negócio”? (área produtiva, compra de máquinas e implementos, caminhões...)
18. O que imaginam atuar daqui a 10 anos?